

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

OTONIEL MARIANO GARCIA

**O ACONSELHAMENTO BÍBLICO NO ÂMBITO RELIGIOSO E SUA
APLICAÇÃO:**

uma análise entre literatura de autoajuda e a prática pastoral.

São Paulo
2019

OTONIEL MARIANO GARCIA

**O ACONSELHAMENTO BÍBLICO NO ÂMBITO RELIGIOSO E SUA
APLICAÇÃO:**

uma análise entre literatura de autoajuda e a prática pastoral e leiga.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Ciências da Religião

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ricardo Bitum

São Paulo
2019

G216a Garcia, Otoniel Mariano

O aconselhamento bíblico no âmbito religioso e sua aplicação /
Otoniel Mariano Garcia – 2019.

74 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Bitun

Bibliografia: f. 71-73

1. Aconselhamento 2. Autoajuda I. Adams, Jay II. Bitun, Ricardo,
orientador III. Título

LC BV4012.2

Bibliotecário Responsável: Eliezer Lírio dos Santos – CRB/8 6779

OTONIEL MARIANO GARCIA

O ACONSELHAMENTO BÍBLICO NO ÂMBITO RELIGIOSO E SUA
APLICAÇÃO:

Uma análise entre literatura de autoajuda e a prática pastoral

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada em 16 de Agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Bitun

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Geraldo Henrique Lemos Barbosa

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Lourenço Stelio Rea

Faculdade Batista Teologica

À minha querida esposa Denise que sempre tem me apoiado e incentivado; aos meus filhos Victor Hugo e Nicolas; aos meus pais que sempre acreditaram em mim e a Igreja Presbiteriana do Parque das Nações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua graça e amor e por me capacitar a cada dia para chegar até aqui.

A minha querida esposa Denise Vagas Fiuza Garcia que nunca deixou de me apoiar e incentivar, pois nas horas que pensei em desistir ela sempre me deu forças para continuar.

Aos professores desta instituição que dividiram o seu conhecimento e sempre foram prestativos.

Ao meu orientador Dr. Ricardo Bitum, que me ajudou neste trabalho, sempre me fazendo repensar e crescer.

Aos colegas de sala que sempre colaboraram para o crescimento de todos.

RESUMO

Para analisar o Aconselhamento Bíblico na perspectiva de Jay Adams deve-se iniciar o estudo analisando a metodologia noutética proposta por ele. Esta palavra tem por variante o termo *nouthetéo*, e é traduzida como “aconselhar”. Contudo, este é muito mais que apenas um momento de conversa. O aconselhamento proposto por ele trabalha a exortação para o desempenho da instrução e da correção. Esta instrução, a partir da Bíblia, compreende que se trata da Palavra de Deus. Por isto, o Aconselhamento Bíblico de Jay Adams é todo fundamentado na Bíblia. Sendo assim, o conselheiro não fala dele mesmo, mas transmite os princípios bíblicos para o seu aconselhado. Já para o Movimento de Autoajuda de Edir Macedo a base está na Teologia da Prosperidade. O direcionamento das pregações e testemunhos que são veiculados nas mídias de televisão e rádio possuem como propósito primário o oferecimento de ajuda as pessoas que estão passando por dificuldades, sejam elas espirituais, físicas ou materiais. Não se pode negar que a ajuda oferecida se justifica por causa da análise de mercado (demanda). Na mídia televisiva, a emissora mais engajada com a veiculação do discurso religioso é a Record a partir da divulgação conhecida como “Folha Universal” que contempla sessões como “palavras do bispo” e “milagres da fé” (RODRIGUES, 2002). O Aconselhamento Bíblico de Jay Adams se difere do movimento de autoajuda proposto por Edir Macedo. Dessa forma, a pesquisa buscará apresentar as duas visões. Quando são comparados os dois seguimentos, é possível identificar elementos que constituem o discurso do Edir Macedo que são responsáveis por o atribuir ao ideário do mercado e da ética que estimulam o consumo na sociedade capitalista contemporânea, visto que comercializa esse ajuda. Tais elementos não foram identificados no Aconselhamento Bíblico de Jay Adams, visto que este tem o propósito de atender, biblicamente, aqueles que sofrem e precisam ser ajudados.

Palavras-chaves: Aconselhamento Bíblico. Autoajuda. Jay Adams. Edir Macedo.

ABSTRACT

To analyze Biblical Counseling in the perspective of Jay Adams we must begin by analyzing the neutral methodology proposed by him. This word has by variant of noutheth, and is translated by advise. Yet this is much more than just a moment of conversation, the counseling proposed and by him works the exhortation for instruction and correction. This instruction is through the bible which is the Word of God. That's why Jay Adams's Biblical Counseling is all grounded in the Bible, so the counselor does not speak of himself, but conveys biblical principles to his counselor. Already for Edir Macedo's Self-Help Movement, the basis is in Prosperity Theology. The directing of preaching and testimonies that are broadcast on the television and radio media for the primary purpose of offering help to people who are experiencing difficulties, spiritual, physical or material. There is no denying that the aid offered is justified because of the market analysis (demand). In the television media, the channel most engaged with the delivery of religious discourse is Record since the publication known as "Folha Universal" which includes sessions such as "bishop's words" and "miracles of faith" (RODRIGUES, 2002). Jay Adams's Biblical Counseling differs from the self-help movement proposed by Edir Macedo. When comparing the two segments, it is possible to identify elements that constitute Edir Macedo's discourse to the market and ethical ideas that stimulate consumption in contemporary capitalist society. Such elements were not identified in Jay Adams's Biblical Counseling.

SUMÁRIO

RESUMO.....	12
INTRODUÇÃO	15
1. O ACONSELHAMENTO BÍBLICO NA VISÃO DE JAY ADAMS	17
1.1. RESOLVER OS PROBLEMAS NOUTÉTICAMENTE	25
1.2. A BÍBLIA NO ACONSELHAMENTO	28
1.3. A ATUAÇÃO DO CONSELHEIRO BÍBLICO.....	33
CAPÍTULO 2 - QUAIS SÃO OS CONCEITOS NORTEADORES DO MOVIMENTO DE AUTO AJUDA DE EDIR MACEDO?	37
2.1. ORIGEM.....	45
2.2. TEOLOGIA	49
2.2.1. Templo e Rito.....	52
2.2.2. Fé	56
2.2.3. Exorcismo	58
2.2.4. Cura	60
2.2.5. Prosperidade	61
CAPÍTULO 3 - QUAIS AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE ACONSELHAMENTO BÍBLICO E A AUTO AJUDA?.....	63
CONSIDERAÇÕES.....	76
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

O presente estudo se ocupa em refletir sobre duas correntes relacionadas com o âmbito religioso: o aconselhamento bíblico de Jay Adams e a auto ajuda de Edir Macedo. Nesse sentido, o principal objetivo desta reflexão se concentrará na análise das diferenças entre as propostas de Adams e de Macedo, visto que o primeiro defende que o aconselhamento bíblico deve ser garantido à todos, inclusive aos não-cristãos, sobretudo quando esses encontram em um momento de dificuldade nas mais diversas esferas de sua vida enquanto que a auto ajuda de Edir Macedo segue a uma corrente, essencialmente, mercadológica, uma vez que esse “aconselhamento” precisa ser adquirido, ou seja, comprado. Nesse contexto, a pesquisa partirá da hipótese de que a ajuda religiosa oferecida por Edir Macedo segue a uma lógica, intrinsecamente, capitalista, uma vez que se apoia nas grandes mídias para instigar os fiéis a adquirirem mais produtos em busca do alívio dos seus problemas (MENESES, 2017).

Para a análise de tais diferenças entre as correntes de Adams e Macedo, a pesquisa parte do princípio de que no aconselhamento bíblico de Adams, a Bíblia é encarada como o principal instrumento para que se chegue até as almas que precisam, de alguma forma, ser curadas, ou seja, é um mecanismo essencial para ajudar aqueles que possuem algum problema em sua vida pessoal ou profissional. No início da abordagem, Jay Adams buscava, principalmente, investigar algumas estratégias para analisar os efeitos psicossomáticos causados a esses indivíduos, refletindo, principalmente, sobre a sensação de culpa. Para tanto, apoiava-se na Bíblia para ajudar aqueles que necessitavam, o que não é algo único na perspectiva de Macedo, visto que o pastor se apoia, também, em elementos mercadológicos para ajudar aqueles que necessitam, como a publicação de livros, a venda de produtos relacionados à fé e à cura e a mídia para o incentivo ao consumo aos seus fiéis (RAMOS, 2008; MENESES, 2017).

Enquanto uma perspectiva defende que os não-cristãos podem ser alcançados por meio de um pré-aconselhamento unicamente com a Bíblia, a outra acredita que esses devem ser alcançados por meio da mídia e da venda de produtos que aliviam, de alguma forma, as sensações e emoções negativas que aparecem no cotidiano dos indivíduos. Nessa perspectiva, Jones (2017) frisa que não se pode separar o aconselhamento do evangelismo na corrente de Jay Adams, algo que acontece, com frequência, na corrente de Macedo, visto que há uma espécie de segregação, ou seja, há uma evangelização um tanto que fragmentada, pois não necessariamente, na perspectiva de Macedo, os líderes religiosos atuam de forma conjunta, uma vez que o principal objetivo é a propagação da fé por meio da venda de produtos e da obtenção de mais espaço na grande mídia, algo que não acontece na perspectiva de Adams, por ser considerado como um processo antibíblico (RAMOS, 2008; MENESES, 2017; JONES, 2017).

A relevância social da pesquisa se concentra no fato de que, cada vez mais, a fé tem sido comercializada, assim, refletir sobre um fenômeno como este é relevante para se entender as estratégias usadas para a captação desses fiéis no contexto moderno, visto que a auto ajuda de Macedo tem ocupado um espaço expressivo em diversos setores, como, por exemplo, na política e na grande mídia. Como neste processo algumas igrejas acabam por se destacar, a pesquisa se ocupará em analisar as estratégias e os elementos que compõem a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) para refletir sobre como aparecem as principais diferenças entre o aconselhamento de Jay Adams, que não possui um viés mercadológico, e a auto ajuda de Edir Macedo, visto que esta tem conquistado, cada vez mais, fiéis à nível nacional, e, também, internacional.

1. O ACONSELHAMENTO BÍBLICO NA VISÃO DE JAY ADAMS

Para iniciar este tema, deve-se discutir sobre a proposta por Jay Adams. Assim, é de suma importância abordar os seus pressupostos teóricos e filosóficos. Conforme Ramos (2008), a perspectiva surge a partir da busca pela solução de problemas a partir do aconselhamento bíblico. Essa motivação apareceu, pela primeira vez, no gabinete pastoral de Jay Adams. Este tendo sido convidado para ensinar a teoria básica sobre o Aconselhamento Pastoral no Seminário Teológico de Westminster, nos Estados Unidos, acabou mergulhando na busca por informações relacionadas ao domínio do aconselhamento bíblico. Para tanto, leu diversas obras para formular, posteriormente, a metodologia noutética que será apresentada e defendida neste trabalho.

Por conta da sua graduação em Teologia, com especialização em Homilética e Oratória bem como por conta da sua atuação como pastor em várias áreas distintas da Igreja Presbiteriana de New Jersey, sentiu-se, constantemente frustrado, sobretudo quando procurou aconselhar os fiéis cristãos a partir de métodos convencionais. A partir dessa falta de abordagens que promovessem, de fato, o aconselhamento bíblico, Jay Adams analisou a Bíblia com intuito de verificar como seria possível aconselhar os cristãos a partir da desta. Ramos (2008) elucida que Jay Adams concluiu que esse artefato importante dizia muita coisa sobre o aconselhamento, sobretudo para aqueles que estavam carregados de problemas pessoais.

Dessa forma, ele começou a investigar algumas dinâmicas para refletir sobre os efeitos psicossomáticos causados a esses indivíduos tais como a sensação de culpa, amparando-se, teoricamente, nos Salmos 31, 38 e 51. Assim, é possível afirmar que Jay Adams ao crer na veracidade e autoridade da Bíblia, passou a defender que os especialistas em saúde mental acabavam errando em seus diagnósticos, pois tentavam transferir do pecador a sua responsabilidade, redimensionando para outros domínios. Não se considerava os fatores sociais e estruturais que conduziam o sujeito a esses problemas, o

que é um equívoco, pois nem sempre esses indivíduos possuem controle sobre eles mesmos.

Uma nova perspectiva foi buscada pois a Bíblia afirma que a fonte desses problemas impera na depravação da natureza humana que está, cada vez mais, em decadência. Após realizar uma série de investigações, Ramos (2008) afirma que Jay Adams concluiu que há dois tipos de aconselhamento: o “divino¹” e o “demoníaco²”. Os dois são, frequentemente, colocados em conflito, trata-se, dessa forma, de uma relação de tensão que frisa que a Psicologia e a Bíblia estão dispostas em universos antagônicos. Nessa perspectiva, Jay Adams alude que o aconselhamento, no eixo bíblico, deve ser voltado, somente, para a tendência cristã a partir do que ele denomina de “pré-aconselhamento” para os não-cristãos.

Já para os cristãos, é importante que se adira da mesma forma ao aconselhamento bíblico para aliviar, principalmente, a sensação de culpa. Propõe-se o pré-aconselhamento para os não-cristãos³ pois Jay Adams defende que é possível confrontar os “não-salvos” a partir da oferta universal do evangelho⁴. Se esse processo de evangelização⁵ ocorre de forma bem-sucedida, pessoas que não necessariamente possuem um apego à religiosidade, ou não acreditam em Deus, chamados de não-regenerados, podem ser aconselhados e os aconselhadores, por sua vez, podem obter resultados positivos. É neste contexto que surge a abordagem noutética.

¹ Conforme Kaschel, W., & Zimmer, R. (1999). In *Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª ed.* Sociedade Bíblica do Brasil. O divino é Deus (Atos 17:29); Natureza divina (Romanos 1:20; Colossenses 2:9).

² Conforme Kaschel, W., & Zimmer, R. (1999). In *Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª ed.* Sociedade Bíblica do Brasil. O demoníaco é Espírito imundo (Lucas 9:1), muito astuto, que se opõe a Deus e ataca as pessoas com todo tipo de males (Marcos 7:26).

³ Segundo González, J. (2009). In J. C. Martínez (Org.), S. P. Brito (Trad.), *Breve Dicionário de Teologia* (1ª edição, p. 307–308). São Paulo, SP: Hagnos. – “Os cristãos sempre insistiram que a salvação vem por meio de Jesus, cujo próprio nome significa “Yahweh salva”, e que recebe corretamente o título de Salvador. (...) Portanto, Jesus é o Salvador como quem paga resgate pelos nossos pecados.” Portanto os não-salvos são as pessoas que não o “aceitaram” como o seu salvador.

⁴ Segundo Kaschel, W., & Zimmer, R. (1999). In *Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª ed.* Sociedade Bíblica do Brasil. O **EVANGELHO** é: “**1**) A mensagem de salvação anunciada por Jesus Cristo e pelos apóstolos (Rm 1:15). “Evangelho” em grego quer dizer “boa notícia”. **2**) Nome dado a cada um dos quatro primeiros livros do NT: MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO. Esses livros apresentam a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo.”

⁵ É a pregação do evangelho

Jones (2017), em seus estudos, reitera que existe uma série de circunstâncias responsáveis por garantir que o aconselhamento bíblico seja considerado como bem-sucedido. Para tanto, ele apresenta algumas dicas. A primeira delas compreende o fato de que são muitos os perigos existentes no processo de divisão da igreja em ministérios. Isso enfraquece os vínculos entre os sujeitos, pois eles passam a atuar de forma mais fragmentada. Com o desenvolvimento do espírito do companheirismo, em grupos pequenos dentro de uma grande esfera, pode-se alimentar a cultura da igreja dividida, e, assim, fazer com que essas pessoas que precisam ser alcançadas por meio do aconselhamento bíblico não sejam conquistadas pela falta do espírito de grupo.

O aconselhamento e o evangelismo⁶ são vértices que não podem ser separados, sobretudo quando se tem por objetivo primordial o resgate de almas. Dessa forma, é importante que se evite a segregação, ou seja, a igreja precisa funcionar de forma menos fragmentada e mais plural. Jones (2017) frisa, também, que a segregação é um processo considerado como antibíblico⁷. Não se pode evangelizar de forma separada, ou seja, os líderes desses ministérios que compõem o todo da igreja precisam agir de forma conjunta, visando, sempre, contribuir para com o outro, apresentando, para tanto, ideias plurais sobre as melhores formas de se realizar o aconselhamento bíblico, tanto para cristãos quanto para não-cristãos.

Nessa perspectiva, surge uma pergunta importante: em quais lugares um conselheiro bíblico⁸ pode atuar? Respondendo a essa pergunta, Jones (2017) relata que, como cristãos, é natural que se tenha um contato informal e contínuo com aqueles que não fazem parte da igreja, podendo ser essas entidades as mais diversas, como, por exemplo, amigos, familiares, colegas de trabalho e vizinhos, em sua maioria. Esses indivíduos, de alguma forma, trarão os seus problemas pessoais para as suas relações. É nesta perspectiva que o aconselhamento bíblico poderá agir: é importante que se traga os ensinamentos de Cristo nessas conversas para ajudar, aqueles que necessitam, ou seja, é uma

⁶ Evangelismo é o ato de evangelizar ou catequizar uma pessoa.

⁷ Antibíblico é todo o pensamento que é contrário a Bíblia

⁸ Conselheiro Bíblico é o conselheiro que usa a Bíblia como resposta para as indagações dos seus aconselhados

ferramenta essencial para amenizar os problemas daqueles que fazem parte da sua vida.

Ganz (1976) alude, em seus estudos, que o modelo noutético proposto por Jay Adams foi bastante criticado. Alguns críticos afirmam que essa perspectiva de aconselhamento é inadequada porque carece de uma teoria bem desenvolvida sobre o homem. A principal hipótese é de que Jay Adams não se pauta em uma teoria da personalidade ou da motivação. Isso porque, sem uma teoria, muitas das vezes os conselheiros podem recair em fanatismos ou adivinhações perigosas caminhando, assim, de forma contrária aos valores do aconselhamento bíblico. Entretanto, nessa perspectiva, a prática pode ser implementada antes da teoria, porque parte-se do princípio de que os aspectos práticos têm a plena autoridade de Deus.

Os cristãos, ou seja, aqueles que creem na Bíblia⁹ como regra de fé e prática, estes confiam nas instruções deixadas por Deus para os homens. O que Ganz (1976) defende a partir dos escritos e da teoria de Jay Adams é que não se pode deixar de aconselhar até que seja formulada uma teoria concreta para o ato do aconselhamento bíblico. É preciso que se continue a aconselhar a partir das Escrituras deixadas por Deus enquanto se continua a pesquisar a essência humana, pois a sua complexidade é infinita, e, dessa forma, precisa ser pensada frequentemente.

Responder a tais críticas é importante, pois o mundo tem se tornado, cada vez mais, desamparado, dado ao aparecimento dos mais diversos problemas pessoais em âmbitos diferentes que norteiam a vida humana na terra, assim sendo, as pressões da própria sociedade obrigam as igrejas assim como os seus aconselhadores a continuarem aconselhando tanto cristãos quanto não-cristãos enquanto se pesquisa por aparatos teóricos para sustentar este ato que tem se tornado, cada vez mais, necessário, pois os problemas humanos têm se espalhado massivamente em um período curto de tempo. Na sociedade

⁹ Hodge, C. (2001). Teologia Sistemática. (V. Martins, Trad.) (1ª edição, p. 136). São Paulo: Hagnos. “completitude das Escrituras se entende que elas contêm todas as revelações existentes de Deus, designadas a serem uma regra de fé e prática para a Igreja.

moderna, muitos se encontram doentes, e, assim, carecem de mecanismos para sanar as suas angústias.

Sendo assim, a igreja e os seus atuantes ocupam um papel fundamental neste processo, pois amenizam as pressões sobre o ser humano por meio do aconselhamento bíblico que é muito diferente da autoajuda veiculada pelos seguidores dos ideais da Igreja Universal do Reino de Deus. Os estudos relacionados à temática precisam, sim, ter continuidade. Entretanto, é importante que fique claro, com este trabalho, que uma coisa não anula a outra. Pois o aconselhamento bíblico deve, inclusive, ser levado para o mundo da pesquisa, para que ele ganhe a base teórica que se pede bem como para que novas estratégias sejam aprendidas para que os males que fazem parte da vida humana e que atormentam os sujeitos, possam ser amenizados ou até mesmo extintos por meio da atuação coletiva daqueles que fazem parte das igrejas pelo mundo todo, realizando, contudo, o processo de forma global e não apenas local.

Powlison (2018), em seus estudos, alude que o aconselhamento bíblico é um processo que tem, cada vez mais, florescido dentro das mais diversas igrejas por meio de um movimento que ficou conhecido como Coalização do Aconselhamento Bíblico (BCC). Ele atua a partir de três finalidades fundamentais. A primeira delas diz respeito a simples comunhão entre os ministérios que compõem uma igreja. É importante que se mantenha em mente que os seres humanos sempre estarão precisando de outros e, assim, torna-se necessário conhecer quem faz parte dessa igreja, ouvindo-os para pensar em formas de como aconselhar. Este deve ser um processo recíproco cujas vozes são escutadas, consideradas e compartilhadas.

Partindo desse pressuposto inicial, entende-se que o Evangelho proposto por Jesus Cristo promove, de forma expressiva e marcada, a diversidade, e, o sujeito, ao compartilhar um ideal em comum e a agir de acordo com ele, levarão outros cristãos que não necessariamente frequentam uma igreja, a abrir os seus olhos e a sua mente para serem, enfim, aconselhados. É importante que seja dada ênfase à diversidade de problemas, ideias, experiências, personalidades e que perguntas e preocupações sejam levadas em consideração nesta união de ministérios. Essa união não precisa ser apenas dentro da própria igreja, pois o

intercâmbio dessa com outras torna mais eficaz o processo de aconselhamento aos que precisam e estão dispostos a receber.

A segunda finalidade, por sua vez, tem como objetivo principal divulgar e difundir esses valores. Assim, o aconselhamento bíblico deve ser realizado a partir de blogs e outros veículos midiáticos de circulação assim como deve considerar livros e entrevistas. É um processo essencial, pois é uma forma de se difundir os ensinamentos de Cristo nos mais diversos meios de comunicação, sejam eles locais ou globais. A terceira finalidade seria o aconselhamento, de fato, ou seja, o resultado do intercâmbio entre ministérios a partir de um valor essencial em comum, visando, sobretudo, amenizar os problemas que circundam a sociedade a partir da Bíblia,, apresentando, neste processo, as crenças e práticas, tanto para os cristãos quanto para os não-cristãos.

O espírito corporativo é essencial para que essas almas sejam, efetivamente, alcançadas e amparadas por Deus. É fundamental que os membros que adotam a causa compartilhem de uma visão social positiva, pois, segundo Powlison (2018), deve-se manter em mente que o maior desafio do processo de aconselhamento bíblico é encorajar as pessoas a se ampararem nos ideais divinos para superarem os seus problemas e, assim, viver de forma confortável e saudável, física e emocionalmente. Todos os membros desse conselho devem se encorajar assim como as almas que precisam ser salvas, buscando, sempre, orientar a sua prática de aconselhamento a alguns ideais primordiais tais como a sabedoria, a fidelidade e o amor, pois as pessoas que precisam ser aconselhadas, geralmente, estão repletas de conflitos internos que, em muitas das vezes, as enlouquece, sobretudo porque se sentem, cada vez mais, desamparadas e sem respostas para esses conflitos que apenas aumentam.

Assim, é importante que os conselheiros mantenham em mente que terão que lidar e considerar os mais diversos pontos de vista, o que exigirá a adesão de uma postura mais humanitária que deverá compreender alguns ideais fundamentais tais como o respeito, a justiça, a empatia, a gentileza, a fraternidade, a compaixão e a paciência. Feitas as considerações necessárias, é possível, finalmente, adentrar no domínio prático do processo que envolve o aconselhamento bíblico, amparado, por sua vez, em um modelo conhecido como

noutético. Para entender o aconselhamento bíblico que Jay Adams desenvolveu, é preciso analisar o termo noutético usado na sua abordagem. O termo é uma das quatro palavras encontrada na Bíblia para definir o aconselhamento.

A primeira variante é *parakaléo* que é traduzida como consolar, confortar, fortalecer, exortar e admoestar. O seu sentido primário significa estar ao lado em momentos difíceis, seja para corrigir, animar ou orientar o aconselhado na tomada de decisão. A segunda variante é *katartízo*. O sentido empregado nesta palavra é o de corrigir algo, aperfeiçoar ou até encaminhar. A terceira variante, por sua vez, é a *paramutheomai*. Ela é traduzida como o ato de consolar e confortar aquele que está perto. É aquele sujeito que fala, no ouvido, para animar e fortalecer aquele que está abatido. E, por fim, existe a variante *nouthetéo*. Esta palavra é traduzida por aconselhar e exortar. O seu sentido é empregado quando se deseja confortar e corrigir, por meio da motivação e do amor, aqueles que necessitam por meio do ato de ensinar.

Para Jay Adams o aconselhamento bíblico é noutético e este tem como base os princípios centrais de Jesus Cristo. Todo o processo de aconselhamento é direcionado a partir dos ensinamentos bíblicos bem como por meio das suas orientações e ações, motivadas pelo conselheiro ao aconselhado. São inteiramente fundamentadas nos princípios bíblicos. O termo noutético é originário do grego clássico. A palavra usada é *nouthétesis*. No Novo Testamento, este termo foi utilizado por Paulo. Este descreve a confrontação noutética utilizada pelos cristãos em Roma. Esta ação era uma atividade diária praticada por eles. Segundo Paulo¹⁰ eram qualificados a fazer uso porque estavam cheios do conhecimento da Palavra de Deus bem como de bondade. Na proclamação de Cristo, Paulo incluiu a confrontação noutética para todo o homem, seja de maneira pública ou individual.

De acordo com Jay Adams, o Apóstolo Paulo, ao escrever as cartas a igreja de Colossenses e Romanos, induzia os crentes a confrontar, nouteticamente, cada cristão, ou seja, incentivava esses a terem uma vida de

¹⁰ Segundo Kaschel, W., & Zimmer, R. (1999). In Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª ed. Sociedade Bíblica do Brasil. O apóstolo Paulo foi, o maior vulto da Igreja primitiva (At 13:9). Israelita da tribo de Benjamim (Fp 3:5), era cidadão romano por ter nascido em TARSO. Escreveu Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon e mais nove cartas da Bíblia

aconselhamento mútua e diária. O Apóstolo Paulo estava certo que os cristãos destas igrejas estavam prontos para apoiar as pessoas que tinham dificuldades na sua caminhada. Por isso, para Jay Adams, todo cristão que tem uma maturidade provinda do conhecimento bíblico pode participar da “atividade noutética”. Nesse sentido, Jay Adams, conceitua a confrontação noutética como o ato de admoestar, exortar e ensinar. O propósito da confrontação noutética é fazer com que haja uma mudança na conduta e personalidade. Ele divide a confrontação noutética em três elementos.

O primeiro elemento é entendido, pelo autor, como a identificação do problema, ou seja, este se torna um obstáculo a ser vencido. Para Jay Adams, (2015 p. 58) a confrontação noutética, sempre, envolve um problema e pressupõe um obstáculo. Se algo vai mal na vida daquele que é confrontado, existe um problema que precisa ser vencido. O segundo elemento se trata da confrontação verbal por meio dos ensinamentos bíblicos. O aconselhado é treinado pela Palavra bem como encorajado e corrigido a partir dela. O terceiro elemento, por fim, trata-se da correção verbal que visa beneficiar o interessado a mudar de vida, assim, busca equipá-lo, biblicamente, para enfrentar e vencer os obstáculos diariamente.

O que sempre se tem em mente é a correção verbal visa a beneficiar o interessado. tem-se a impressão de que nunca se perde esse motivo beneficente (...) A meta deve ser a de enfrentar diretamente os obstáculos e vencê-los verbalmente, não com o fim de puni-lo, mas, sim, de ajuda-lo (ADAMS, 2015, pp. 62-63).

A confrontação é motivada por um amor profundo que tem como escopo principal fazer com que o aconselhado seja corrigido, principalmente, a partir de mecanismos verbais que visam o seu próprio bem. Eles tomam forma a partir da confrontação, do crescimento e da maturidade cristã, conforme o defendido em Colossenses 1.28. Assim, entende-se que “o qual nós anunciamos, advertindo a

todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”.¹¹

1.1. RESOLVER OS PROBLEMAS NOUTÉTICAMENTE

A abordagem de Jay Adam propõe a resolução noutética dos problemas. Entende-se que o homem foi criado a imagem de Deus e este, por sua vez, o dotou de autoridade bem como de governo. Assim sendo, o homem deveria ser responsável por administrar e governar a terra, contudo, o pecado de Adão trouxe consequência. Uma delas é a perda do seu reinado. Dessa forma, agora, a terra se rebela contra o homem, e, nesse sentido, acaba produzindo espinhos e resistências à sua própria vida. Após a queda, o homem precisa, principalmente, cultivar com o suor de seu rosto bem como lutar para que a vida seja prolongada.

O pecado produziu inversão no governo do homem sobre a terra de sorte que a terra ganhou domínio sobre o homem. a terra começou a opor resistência; produziu espinhos. O trabalho do homem já não se restringia mais a lavrar e cultivar o jardim, mas, agora, com o suor do seu rosto, viu que tinha que lutar arduamente contra a terra para prolongar a existência (ADAMS, 1977, p. 129)

Aceitar esta inversão de valores é ser capaz de se adaptar ao pecado, pois o mandamento de domínio do homem ao seu ambiente se encontra válido. Portanto, no aconselhamento noutético, não se aceita a palavra “não posso”, pois ela implica em uma conformação para com o problema. Para tal abordagem, Jay Adams (1977) trabalha quatro reações para o problema. A primeira reação é expressa com as palavras “não importa, “não tem importância” e “eu o evitarei pura e simplesmente”. Já a segunda reação se manifesta com as palavras: “não é isso que eu quero mesmo” e “não era este o curso que eu queria seguir”. A terceira reação é expressa com as palavras: “simplesmente isso não pode ser feito”, “é impossível” e “não há esperança”. A quarta reação é a cristã: “isto pode ser resolvido mediante Cristo”.

¹¹ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Cl 1.28). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

As reações contrárias como negação ou afirmativas de negação tais como: “não importa”, “não tem importância”, “não é isso que eu queria mesmo” apenas comprovam as questões que devem ser confrontadas, pois tais negativas podem esconder ou até apresentar um problema que deve ser resolvido mediante Cristo. Ao olhar os três primeiros pontos trabalhados, a conformação dos problemas resulta em sofrimento e dor. O problema não é tratado e tende-se a subjugar o homem. Já na quarta abordagem, o aconselhado é conduzido a encontrar uma solução bíblica para cada problema, e, assim, é desafiado a aplicar os princípios bíblicos para resolver os problemas que o aflige. Por este motivo, o aconselhado não pode dizer que “não pode” ou que “não consegue”. A esperança é realçada em sua vida, pois o mesmo consegue visualizar um caminho a ser trilhado.

Em 1Cor 10.13¹² o apóstolo Paulo explana a ideia de que Deus não permite que um cristão viva um problema único, ou seja, um que não seja pertinente a toda a sociedade. Entende-se, então, que outros passaram pelos mesmos problemas e puderam vencer. Não se pode dizer que não irá vencer, pois as tentações não excederão as suas forças, ou seja, nada será demasiadamente difícil que não possa a ser suportado. Entender isto é fundamental para o cristão, pois o próprio Deus pede algo para nós e que precisa ser executado. Ele nunca pediria algo além das nossas possibilidades. Para esta verdade não há exceções. Assim, os cristãos, continuamente, dizem, com efeito: Eu não posso fazer tudo que Cristo me pede que faça.

A frase deve ser substituída por “posso fazer todas as coisas” (ADAMS, 1977). Agindo desta forma, o cristão vive a promessa de Deus e visualiza a esperança prometida por ele. Dessa forma, com a solução dos problemas, instaura-se um novo padrão de vida que é estabelecido à luz das escrituras. Jay Adams entende que o aconselhamento é o ato de acolher o necessitado e trabalhar mudanças reais em sua vida. Para isso, o conselheiro irá abordar o seu aconselhado com os conceitos bíblicos que serão fundamentais para os resultados desejados. Todavia, é importante destacar que independente da

¹² Almeida Revista e Atualizada. (1993). (1ª Coríntios capítulo 10 versículo 13). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.”

metodologia utilizada, três passos deverão ser seguidos: (1) enxergar a necessidade de mudança, (2) a confrontação verbal e (3) trazer benefícios ao aconselhado.

Todos os conselheiros têm um objetivo comum: mudança. Ademais, não importa o quão diverso os vários sistemas de aconselhamento possam ser - e de fato são fundamentalmente distintos - todos eles (1) enxergam uma necessidade de mudança e (2) empregam meios verbais para trazer a efeito esta mudança, (3) tem como propósito ser benéfica para o consulente (ADAMS, 1986, p. 8).

Encontra-se, na Bíblia, vários elementos que impulsiona os sujeitos a praticarem o aconselhamento. Isto faz parte do ministério da Escritura, pois a Palavra de Deus restaura e estabelece os padrões divinos para vida do cristão. Jay Adams (1986) refere-se a isto afirmando que “a base do aconselhamento cristão nada mais é, senão as Escrituras do Antigo e Novo Testamento. A Bíblia é o livro texto de aconselhamento da igreja cristão”. Ao observar a história, é possível encontrar relatos de pessoas que praticaram o aconselhamento bíblico nos mais diversos e amplos níveis da sociedade. Assim sendo, a igreja estava totalmente preparada para desenvolver o aconselhamento bíblico desde os primórdios.

O apóstolo Paulo apresenta no texto de 2ª Timóteo 3.15-17, a ideia de que “...e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”¹³. Dessa forma, as Escrituras eram conhecidas por Timóteo, mas não somente por ele, e sim por todos os cristãos da época. No entanto, estas Escrituras não são apenas palavras de homens, visto que possuem inspiração Divina, e, por esta razão, a igreja está equipada com a Palavra de Deus para exercer o aconselhamento Bíblico.

tempos houve em que o aconselhamento foi considerado parte integrante da obra da igreja de Cristo. Pastores e escrever um livro sobre “melancolia” (depressão), participaram de sessões

¹³ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (2ª Timóteo capítulo 3 versículo 15 a 17). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

com “inquiridores”, interessados não somente na conversão, como em cada fase de suas vidas. A igreja ministrou A famílias e indivíduos em toda espécie de relacionamento humano/humano e humano/divino (observe que esse ministério cobriu o escopo muito maior do que parte permitem os sistemas competitivos), e o público reconhecia que era função da igreja (em geral) e dos pastores (em particular) atender em questões de crença, atitudes, valor, comportamento, relacionamento, etc (ADAMS, 1986, p. 9).

1.2. A BÍBLIA NO ACONSELHAMENTO

No Aconselhamento Bíblico, os rudimentos são fundamentados na Bíblia. No período do Antigo Testamento, Deus falava por meio dos profetas que recebiam a revelação divina. Esses tinham a incumbência de revelar, fielmente, a vontade de Deus ao povo. Outro meio utilizado era a comunicação verbal: os pais ensinavam os filhos e esses, por sua vez, decoravam longos trechos da Palavra. No Novo Testamento, o povo possuía cópias produzidas manualmente do Antigo Testamento, ou seja, contava-se o relato da vida de Jesus Cristo, constituindo, assim, a composição do Novo Testamento, que, posteriormente, concluiu o Canon Bíblico. Hoje, a Bíblia é a principal fonte de revelação¹⁴. Ele nos deu a Bíblia para manifestar a sua soberana vontade. O objetivo do Aconselhamento bíblico, então, é a mudança definitiva e impactante de valores na vida do aconselhado.

Para Jay Adams (1986), a Bíblia contém os rudimentos para o aconselhamento cristão, pois ela foi revelada por Deus com a finalidade de cuidar do ser humano, haja vista que o conselheiro cristão deve utilizar as escrituras para a sua abordagem e orientação do aconselhado, fortalecendo-o na fé e na esperança alcançada a partir de Cristo Jesus. Para isto, o Espírito Santo usa a Bíblia para instruir, adequadamente, aqueles que o buscam agindo com poder em suas vidas. É importante destacar que o Aconselhamento Bíblico tem a função de confrontar o pecado com a finalidade vê-lo transformado por Deus. Da mesma forma, confortar o aconselhado em meio as angustias da vida e direcioná-lo a cumprir os princípios Bíblicos é importante. Deus criou o homem

¹⁴ Sproul, R. C. (2013). Posso Crer na Bíblia?. (T. J. Santos Filho, Org., F. Wellington Ferreira, Trad.) (1ª Edição, Vol. 2, p. 24). São José dos Campos, SP: Editora FIEL. Diz que “a Palavra (Bíblia) escrita é, em sua inteireza, a revelação dada por Deus.

dependente dele e quando este deseja sair da sua submissão sofrerá as consequências do seu fracasso, por isso a Bíblia é fundamental para corrigir e instruir a partir do amor.

A Bíblia é a base para o aconselhamento cristão por causa de tudo que representa, ou do que está envolvido no aconselhamento (mudança de vida a partir da mudança de valores, crenças, relacionamentos, atitudes, comportamento). Que outra fonte poderia fornecer um padrão para tantas e tais mudanças? Que outra fonte nos daria como realizar tais mudanças de modo que agrada a Deus? (ADAMS, 1986, p.14).

Deus criou o homem perfeito, contudo, o fez dependente dele. Assim, a sua perfeição está, intimamente, ligada à sua comunhão com Ele. Deste modo, o relacionamento do homem com Deus deve ser crescente. O conselho de Deus ao homem foi “sede fecundos, multiplicai-vos” e “sujeitai a terra” (Gêneses 1.22¹⁵). Dessa forma, a dependência e a obediência eram reais e claras. O homem precisava, então, do relacionamento com Deus para manter a perfeição em seu ser, ou seja, o relacionamento do ser humano com Deus era crucial para a sua vitalidade. Deus criou o homem para a Sua glória, e, por isto, era necessário o homem viver na orientação divina e ser moldado por Ele. Assim, se o homem tivesse obedecido, incondicionalmente, as orientações de Deus, este não teria perdido a vida eterna, que estava condicionada a uma vida de obediência a Deus e simbolizada na árvore da vida¹⁶.

De acordo com a desobediência de Adão, em sua tentativa de ser independente de Deus, ele optou por seguir os falsos conselhos, e, assim, levou toda a espécie humana a sofrer as consequências de sua decisão. Com esta atitude, Adão¹⁷ trocou o conselho bondoso, santo e libertador, por um conselho escravizador. O resultado contempla que o homem deixou a perfeição de lado

¹⁵ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Gêneses 1.22). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz: “E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves.”

¹⁶ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Genesis 2.9). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz “Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal.”

¹⁷ Segundo a Bíblia Adão foi o primeiro homem formado por Deus. Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Genesis 2.7). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.”

para viver a corrupção do mal. Para Adams, todo conselho que não leve o homem a dependência de Deus é um mal conselho. A visão bíblica do aconselhamento é fundamentada, então, na ajuda de Deus que revela o seu conselho para que o homem caído volte a ter uma crescente comunhão com o seu Criador. O homem tem travado embates na sua mente e coração para decidir qual conselho irá seguir. É assim que se manifesta o bem ou o mau.

Por todo o curso da história humana, ambos os conselhos, o Divino e o ímpio, têm estado presentes, travando o embate pela aceitação do homem. As histórias de indivíduos, famílias, até mesmo de nações têm sido radicalmente marcadas pela escolha de qual dos dois conselhos seguir. Não há um terceiro conselho, como indica claramente o salmo. Há somente dois caminhos a seguir: o caminho de satanás e o caminho de Deus. O homem não possui um conselho que possa chamar estritamente de “seu”. Se rejeita o conselho de Deus, qualquer outro que resolva pôr em seu lugar, será o conselho de Satanás (ADAMS, 1986, pp. 19-20).

No Aconselhamento Bíblico, o conselheiro expõe a própria Bíblia com o intuito de orientar os seus aconselhados. O mesmo acontece com a explanação pública e comunitária da Bíblia. Dessa forma, o pregador fica responsável por centralizar a mensagem na Bíblia, e, assim, o conselheiro necessita conhecer os princípios Bíblicos bem como a teologia para que seja capaz de expor, com autoridade, e, assim, confrontar, animar e consolar, biblicamente, o seu público aconselhado. Sabe-se que Jesus mesmo exortou que os fariseus (Mateus 7.29¹⁸) conheciam a teologia, mas não ensinavam como “*quem tem autoridade*”, ou seja, ela é conquistada, segundo a Bíblia, mediante a adesão a uma vida saudável e íntegra diante de Deus.

Segundo Jay Adams (1986), na prática do Aconselhamento Bíblico, é fundamental que o conselheiro tenha uma formação teológica conciliada com uma formação sistemática da Bíblia, para evitar o mau aconselhamento, pois o propósito do aconselhamento não é expressar uma posição pessoal do conselheiro, mas corrigir possíveis erros no pensamento prático dos aconselhados. É, também, de suma importância, que o conselheiro comunique

¹⁸ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Mateus 7.29). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz: “porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.”

com autoridade. Se o conselheiro estiver inseguro, ele transferirá essa insegurança ao seu aconselhado, contudo, o conselheiro não pode ser autoritário em demasia, ou seja, apenas é possível realizar este trabalho se tiver segurança nas Escrituras. Assim, deve estar pronto para aplicá-la levando o aconselhado a assumir tal verdade para si.

Para o aconselhamento ser realmente bíblico, não basta o conselheiro ler a Bíblia. Isso requer um aprofundamento teológico das escrituras. A maioria dos conselheiros obtém, somente, o conhecimento adquirido na vida comunitária da igreja que se resume em estudos ministrados na Escola Bíblica Dominical e nos cultos. Um conselheiro realmente bíblico precisa ser um pesquisador dos princípios bíblicos e métodos teológicos para aplicar as escrituras de forma adequada no aconselhamento. Para o conselheiro, a Bíblia e a teologia andam juntos, ou seja, não podem se separar. Todos princípios ensinados são bíblicos/teológicos e a separação destes resultará na perda do princípio de Deus. Este é um dos motivos que, para Adams, fazem com que poucos conselheiros tenham uma abordagem bíblica, pois não se aprofundam em tal conhecimento.

Frequentemente, ouço essa pergunta, “por que tão poucos conselheiros assumir uma abordagem bíblica?” A resposta é que a pouquíssimas pessoas no campo, com a preparação teológica adequada para o fazer. Não digo que tá as pessoas sejam mal-intencionados, pelo contrário, algumas são de fato exemplos de valiosas tentativas de se usar o pouco entendimento existente de maneira apropriada - mas essas tentativas simplesmente falham em decorrência da inadequação teológica e exegética (ADAMS, 1986, p. 30).

Os conceitos da Bíblia são fundamentais, pois estes estabelecem o padrão tanto para o aconselhado como para o conselheiro. O próprio Davi, quando escreve o Salmo 119.24¹⁹, diz que a Palavra de Deus é o seu “conselheiro”. O cristão tem, em suas mãos, a Bíblia inspiração de Deus. Isto significa que a Bíblia foi soprada por Deus e o sentido empregado é que o próprio Deus teria falado, audivelmente, a sua palavra. Sendo assim, nada seria deixado de lado ou acrescentado as Escrituras, por isso não se pode deixá-la em hipótese alguma. Para Jay Adams (1986), o conselheiro ganha autoridade

¹⁹ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Salmo 119.24). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz “Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer, são os meus conselheiros.

quando fundamenta o seu conselho na Bíblia, pois na ocasião em que deparar com situações de pecado, terá maior autoridade para corrigir o seu aconselhado.

O conselheiro bíblico terá uma direção clara inibindo, para tanto, a sua opinião pessoal, estabelecendo, portanto, o padrão de Deus para o aconselhamento. As Escrituras além de estabelecerem o padrão de princípios de Deus para o ser humano, são utilizadas, por ele, na criação²⁰ (Genesis 1-2²¹), assim, o próprio Jesus é chamado de palavra²² (João 1.1-5²³ e 1João 1.1 e 2²⁴). Desta maneira, a Bíblia é única e muito mais do que, apenas, um livro. Ela é a palavra de Deus.

A Palavra de Deus possui poder criador. Deus falou e assim se fez. Não é de admirar que a palavra hebraica *davar* significa não somente “palavra”, mas também “coisa”. Quando Deus fala, acontece; sua palavra é tão certa quanto a coisa em si. A própria Bíblia fala deste seu poder de transformar as pessoas. Paulo escreveu sobre “... As sagradas letras que podem [liturgia., tem poder de] de tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”, e que “Toda escritura é inspirada por Deus é útil para o ensino, para a repreensão, para correção, para educação na justiça” (2Tm 3.15-16). Nestes dois rios temos sobre o poder da palavra escrita. Ela tem o poder de trazer uma pessoa à fé em Cristo e o poder de modelar na espécie de pessoa que Deus quer que ela se torne. Este é o poder que o mundo (e seus conselheiros) está procurando, mas não encontra (ADAMS, 1986, p. 57).

²⁰ Vogt, P. (2015). *Interpretação do Pentateuco: Um Prático e Indispensável Manual de Exegese*. (D. M. Howard Jr., Org., M. P. Santos, Trad.) (1ª edição, p. 69). São Paulo: Editora Cultura Cristã. Diz: “De acordo com Gênesis 1–2, os seres humanos foram criados à imagem de Deus e, como tais, receberam o privilégio extraordinário de representar YAHWEH na terra, como mordomos da sua boa criação”

²¹ Idem nota de rodapé nº 20

²² Sproul, R. C. (2013). *O Que é a Trindade?*. (T. J. Santos Filho, Org., F. Wellington Ferreira, Trad.) (1ª Edição, Vol. 10, p. 29–30). São José dos Campos, SP: Editora FIEL. Diz: “No início do evangelho de João, que diz: “No princípio era o Verbo {ou seja, o Logos}, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1). Nessa primeira sentença, vemos o mistério da Trindade, porque o evangelista diz que o Logos estava com Deus desde o princípio. (...) A vida estava nele e a vida era a luz dos homens” (vv. 2–4). Aqui, vemos eternidade, poder criativo e autoexistência atribuídos ao Logos, que é Jesus.”

²³ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Jo 1.1–5). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela”

²⁴ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (1Jo 1.1–2). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. diz “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada)”

Neste propósito, o conselheiro Bíblico não precisa guiar-se a partir de técnicas, ferramentas, aparatos e métodos que não sejam fundamentados na Bíblia, pois possui, em suas mãos, o guia supremo do aconselhamento bíblico. Nele se encontra o poder para a transformação e aperfeiçoamento das mais diversas vidas. Nesse sentido, o homem não pode se envergonhar do evangelho de Cristo. Este deve ser a sua única ferramenta para a conversão e captação de fiéis. A Palavra de Deus veio até nós para transformar nosso comportamento e existe poder nela para tal.

1.3 A ATUAÇÃO DO CONSELHEIRO BÍBLICO

Para um bom aconselhamento bíblico é fundamental a figura de um conselheiro que tenha cursado um bom seminário com princípios sólidos, bíblicos e teológicos. O conselheiro contará com alguns recursos para suas orientações: (1) a Palavra, (2) o Espírito Santo e (3) a igreja. É importante destacar que Jay Adams relata a diferença entre o conselheiro ocasional e conselheiro regular. O conselheiro regular tem a oportunidade de fazer o aconselhamento preventivo. O aconselhado que age sem a figura da igreja perde a oportunidade de conviver de forma harmônica bem como de ser trabalhado por ela, e, ainda, de se moldar à outras pessoas e se tornar, assim, um corpo harmônico e amoroso.

É memorável destacar que o ministro²⁵ evangélico deve ser capaz de zelar por aqueles que Deus escolheu para ele cuidar. A convocação não é para um chamado superficial, mas para um cuidado pleno, ou seja, deve ser capaz de fortalecer aqueles que sofrem por dores que se originam do pecado pessoal. Para isso, o ministro evangélico não pode omitir o tema das Escrituras que é o amor de Deus manifestado a partir do seu filho que veio para salvar o pecador e trazer respostas para aqueles que sofrem. Desta maneira, o amor de Deus deve ser exercitado de forma ampla e expressado por intermédio do cuidado com o

²⁵ Kistemaker, S. (2016). Atos. (É. Mullis & N. B. da Silva, Trads.) (2ª edição, Vol. 1, p. 287). São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã. A palavra Ministro “vem do latim Verbi Domini Minister, isto é, Ministro da Palavra do Senhor. Um pastor, estritamente falando, não é ministro da igreja, mesmo que tenha sido ordenado por ela. Ele não é ministro de uma congregação local, mesmo que um conselho ou assembleia supervisione o seu trabalho e pague o seu salário. Um pastor é primeiramente e acima de tudo ministro do evangelho de Cristo, pois Jesus o envia a ensinar e a pregar as boas-novas (Mt 28.19,20). O pastor é, pois, um servo da Palavra de Deus.”

próximo. Desta forma, o ministro tem a incumbência de anunciar as “boas novas”²⁶ para aqueles que foram regenerados pelo Espírito Santo.

O conselheiro terá a grande incumbência para confrontar e confortar. Esta tarefa necessita ser executada por aqueles que serão vocacionados e preparados para tal. Para Jay Adams, o ministro cristão tem grande parte no ministério de aconselhamento, mas todo o cristão vocacionado também pode exercer este ministério. Jay Adams (1982), deste modo, alude que aqueles que tiverem o chamado precisam se preparar para tal tarefa. É certo que o ministro de tempo parcial ou integral terá mais disponibilidade de tempo e preparo para exercer este ministério e poderá, também, dedicar mais tempo ao aconselhamento do que em outras atividades eclesiais, podendo atender os fiéis de suas igrejas e de outras comunidades. Contudo, uma vez que este se propõe a realizar o aconselhamento, tem que se dedicar com amor e fidelidade à Deus e à sua Palavra.

Não há qualquer razão para pensar-se que um ministro especialmente dotado para o aconselhamento não possa gastar a porção maior do seu tempo fazendo trabalho de aconselhamento, talvez como pastor auxiliar de uma congregação ou um membro do presbitério que acessório os pastores de diversas congregações locais. (...) Todos quantos pretendem ser conselheiros cristãos deveriam considerar a levar a sério os seus próprios dons e sua vocação (ADAMS, 2015, p. 25).

Com relação ao Conselheiro Bíblico, espera-se que ele tenha algumas qualificações citadas por Jay Adams (2015) como o conhecimento bíblico, a boa vontade e o interesse ao próximo (Romanos 15.14²⁷) e a sabedoria divina no relacionamento com os outros (Colossenses 3.16²⁸). Estas qualificações, para o conselheiro bíblico, são imprescindíveis, não obstante, muitos pastores são

²⁶ Manser, M. H. (2013). Guia Cristão de Leitura da Bíblia. (D. Pereira, V. Araujo, F. Machado, & A. Soares, Orgs., L. Aranha, Trad.) (1ª edição, p. 309). Bangu, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Boas Novas é o “princípio do evangelho de Jesus Cristo” (1.1). A palavra evangelho quer dizer “boas-novas”.

²⁷ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Romanos 15.14). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz: “E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros.”

²⁸ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (Cl 3.16). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Diz: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.”

ordenados sem as devidas qualificações para a realização do aconselhamento. Em muitas das vezes, o candidato ao pastorado é examinado nas questões teológicas e doutrinárias, deixando-se de lado as qualificações encontradas em Tito²⁹ e 1º Timóteo³⁰, sendo que elas nos orientam para o pastorado da confrontação pessoal.

(...) alguns homens são consagrados ao ministério do evangelho quase inteiramente à base do término bem-sucedido de um curso de teologia sistemática e de Norma eclesiásticas. (...) As qualificações para o ministro, encontradas na lista de comparação em Tito e 1 Timóteo se centralizam muito mais sobre as qualificações pessoais do que sobre as habilidades doutrinárias. (...) Pode se fazer um acréscimo tais a esse processo que, a despeito de um presbitério continuar ressaltando a rigidez doutrinária, igualmente examine a aptidão pessoal do indivíduo em geral, e, em particular, suas qualificações para a obra da confrontação noutética de pessoas (ADAMS, 2015, p. 26).

O conselheiro bíblico exerce o aconselhamento com autoridade outorgada por Deus (1ª Tessalonicenses 5.12 e 13³¹; Colossenses 3.16 e Romanos 15.14). Dentro deste princípio, o Estado e Igreja exercem a autoridade instituída por Deus, contudo, quando o Estado excede, os limites bíblicos da sua autoridade não deverão ser obedecidos. O mesmo ocorre com o conselheiro, pois o seu parâmetro da autoridade divina está nas Escrituras e os seus limites não devem exceder a mesma. Portanto, o conselheiro não deve exceder em sua autoridade, ou seja, não devem conduzir o seu aconselhado a transgredir os princípios contido nas Escritura. A Bíblia mostra as modalidades de autoridade que deverão ser observadas: (1) autoridade de Deus e (2) autoridade dos homens. Para a

²⁹ Bürki, H. (2007). Comentário Esperança, Primeira Carta a Timóteo (p. 149). Curitiba: Editora Evangélica Esperança. Diz “Desde D. N. Berdot (1703) e P. Anton (1726) as cartas a Timóteo e a Tito são chamadas “cartas pastorais” (past). Mas Tomás de Aquino († 1274), em sua introdução a 1Tm, já mencionava *pastoralis regulae* (instruções, regras para pastores). As três cartas para pastores são dirigidas pelo pastor Paulo aos pastores Timóteo e Tito, e por meio desses dois, aos pastores das igrejas em redor de Éfeso e na ilha de Creta.

³⁰ Idem Nota de Rodapé 27

³¹ Almeida Revista e Atualizada. (1993). (1Tessaloneses 5.12–13). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros.”

autoridade de Deus o importante é que os homens obedçam a Ele em primeiro lugar.

Segundo o livro Atos dos Apóstolos 5.29: “Antes importa obedecer a Deus do que os homens.” Neste período histórico, o Estado Romano estava ultrapassando a autoridade que foi outorgada por Deus. O Estado tem autoridade porque o próprio Deus concedeu. Sendo assim, a igreja deve obedecer e reconhecer a autoridade do Estado em sua área de ação, mas o Estado deve, também, reconhecer que a igreja tem a função proferida por Deus para acolher e cuidar para que os seus membros desfrutem de uma vida comunitária segundo os princípios bíblicos. Neste pensamento, o conselheiro não pode, por si mesmo, dizer o que quer e nem tomar as decisões. Ele deve ser um mediador entre o aconselhado e as escrituras. A verdade é a de Deus e não a do conselheiro.

CAPITULO 2 - QUAIS SÃO OS CONCEITOS NORTEADORES DO MOVIMENTO DE AUTO AJUDA DE EDIR MACEDO?

Antes de falar sobre a Igreja Universal do Reino de Deus³² (IURD), fundada por Edir Macedo, é importante que esta igreja seja devidamente contextualizada, pois o seu meio de atuação é diferente do aconselhamento bíblico proposto por Jay Adams. Meneses (2017), em suas reflexões, reitera que o neopentecostalismo³³ no território brasileiro se desenvolveu e tomou forma ao longo das quatro últimas décadas. Alguns dos fenômenos desse movimento despertaram, inclusive, a atenção das grandes mídias assim como instigou estudiosos das mais diversas áreas, sobretudo das Ciências Sociais, tais como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e as Ciências da Religião. Pesquisas feitas pelos estudiosos das áreas citadas identificaram, neste fenômeno, o nascimento e a expansão dos grupos neopentecostais, principalmente a partir da década de 1970.

Passaram, dessa forma, a analisar as principais características desse grupo que precisam ser mencionadas neste estudo como: o uso intensivo da tecnologia da prosperidade (como instrumentos de energização da recepção dos dízimos e ofertas); o uso da chamada guerra santa como prática da intolerância religiosa, sobretudo em relação aos cultos afro-brasileiros (não excluindo os rituais católicos); presença de um certo abrandamento de exigências em relação aos usos e costumes (prática muito comum na primeira e segunda ondas movimento pentecostal brasileiro); o afrouxamento da vinculação denominacional e amalgamação das suas práticas doutrinárias (onde catolicismo tradicional, protestantismo histórico, pentecostalismo clássico e religiões de origem africana fizeram parte desse processo de construção) (RODRIGUES, 2002).

³² Doravante utilizarei o termo IURD para me referir a Igreja Universal do Reino de Deus.

³³ Myatt, Alan (2002). Teologia Sistemática (p 213). Rio de Janeiro: Faculdade Teológica Batista de São Paulo. "neopentecostais surgiram no final da década de 70 e início de 80. Suas principais ênfases são os sinais e maravilhas, com fortes elementos mágicos, confrontos com poderes demoníacos (exorcismos) e manifestações emocionais fortes, teologia da prosperidade (que enfatiza que o estar bem com Deus é prosperar financeiramente), e a idéia de "guerra espiritual". Seu principal representante no Brasil é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977)"

Nesse sentido, Meneses (2017) frisa que com a expansão do neopentecostalismo brasileiro, houve uma maior visibilidade em relação ao público protestante/evangélico, pois eles passaram a ganhar espaço, cada vez mais, nas grandes mídias. No interior desse movimento em ascensão, algumas igrejas se tornaram expressivas e conhecidas. Numa perspectiva local, a Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se um nome expressivo no mundo e ficou conhecida como IURD, dando origem, após fusão, às igrejas Internacional da Graça e Mundial do Reino de Deus. Esta última surgiu mais recentemente, contudo exerce igual poder e influência nas grandes mídias, atuando, tal como a segunda mencionada, e, assim, competindo com a sua igreja mãe (IURD).

Ao decorrer dessa discussão, buscaremos analisar as suas características, objetivos e valores, para entender como esta exerce o seu poder sobre os indivíduos a partir, sobretudo, da autoajuda nas mídias televisivas e, principalmente, impressas em livros. É nesse contexto que surgem as desavenças entre as igrejas que, de certa forma, nasceram a partir de interesses em comum. Feitas considerações, torna-se imprescindível citar alguns conceitos que norteiam e guiam, de certa forma, a IURD e, ainda que relativamente, as suas filiadas, embora haja grandes conceitos entre as três citadas. Assim, Rodrigues (2002), em sua reflexão, apresenta três, visto que podem ser identificados na prática das igrejas sobre as quais se propôs a análise.

Eles são: a centralidade da teologia da prosperidade³⁴ (TP) na IURD, o conceito da "afinidade eletiva" e o ideário liberal, mercadológico e ético de consumo. Sobre o primeiro deles, o autor citado reitera que é intitulado de centralidade da TP. É um elemento fundamental para se analisar e compreender a configuração da Igreja Universal (RODRIGUES, 2002). Isso porque a maioria dos discursos religiosos proferidos por essa igreja remetem, de certa forma, a alguns conceitos basilares de outras áreas que sustentam a sociedade capitalista como a conquista de riquezas, usufruto de bens de consumo, apropriação da propriedade privada e o estímulo ao empreendedorismo na sociedade regida pelo capitalismo selvagem. É possível perceber, no discurso

³⁴ Doravante usarei a abreviatura TP para me referir a Teologia da Prosperidade.

da IURD, que a ênfase dada a esses elementos de cunho sobretudo, capital, aparecem em demasia.

Rodrigues (2002) chama a atenção para o fato de que essa tendência não é, essencialmente e exclusivamente brasileira, pois é um processo que foi sistematizado, principalmente, nos Estados Unidos da América, na década de 1940 e importado, posteriormente para o Brasil, em 1970, ou seja, 30 anos depois. Embora não seja um conceito seguido, primeiramente, no contexto brasileiro, não se pode afirmar que um dos seus elementos constitutivos e definidores não tenha sido essa tendência, pois o ato de ser próspero deixou de existir já nas mais remotas formas e características implantadas em solo brasileiro. É possível fazer essa afirmação porque mesmo antes dessa tendência ser sistematizada nos moldes estadunidenses, é possível notar, já no catolicismo de missão popular no período colonial, nos cultos de origem africana ou nas outras diversas manifestações religiosas, o princípio da prosperidade.

Esse ideal da prosperidade foi cultuado e alimentado, muitos anos depois, pela IURD. Atualmente, a igreja utiliza esse discurso próspero como um elemento potente para a resolução de problemas dos mais variados tipos e formas, antes mesmo de ser sistematizado e consolidado nos moldes norte-americanos por volta de 1940. Ao ser difundido, oficialmente, no Brasil a partir de 1970, esse sistema americano passou a existir de forma multifacetada, diferenciada, adaptada e reconfigurada em diferentes campos do contexto religioso brasileiro. Sobre a TP, a IURD a sustenta com veemência e é correto afirmar que ela se baseia em alguns pilares fundamentais, tais como nas crenças sobre a cura, na prosperidade e no poder da fé.

Esses três pressupostos materializam-se no discurso de prosperidade das igrejas. Segundo Rodrigues (2002) esse ideal pode aparecer de forma recorrente e em momentos diversos, enfatizado pelos clérigos a partir de mensagens transmitidas em cultos diferentes. Em alguns casos, essa mensagem aparece, especificamente, nos cultos das segundas-feiras, pois é um dia específico, próprio de algumas vertentes, e podem aparecer com o nome de “corrente da prosperidade”, “corrente da vida regalada”, “corrente das almas aflitas” ou, simplesmente, pode aparecer com o nome de “culto dos empresários”.

A TP, também, pode ser enfatizada em diferentes pregações e testemunhos veiculados nas grandes mídias, sobretudo por meio de programas de rádio e de TV. Tem como objetivo primário oferecer “ajuda” as almas que precisam ser salvas, porém, age-se a partir de uma ótica mercadológica, pois preocupa-se em vender esse discurso e estimular a compra de produtos religiosos para poder viver “em paz”. Na mídia televisiva, a emissora mais engajada com a veiculação do discurso religioso é a Record a partir da divulgação conhecida como “Folha Universal” que contempla sessões como “palavras do bispo” e “milagres da fé” (RODRIGUES, 2002).

A propagação dessa prosperidade é feita, ainda, por intermédio da mídia impressa a partir da publicação de livros específicos sobre o assunto, como forma de divulgar e propagar a marca, ou seja, a identidade da Igreja Universal do Reino de Deus no mercado, visa o estímulo do consumo tanto desse discurso, quanto dos materiais vendidos. A partir das considerações feitas, entende-se que a categoria da prosperidade está, diretamente, relacionada com o conceito de posse, assim, é estimulada a ideia de que os sujeitos devem confessar, decretar e determinar a posse de bênçãos espirituais e materiais por intermédio do princípio da reciprocidade, estabelecendo-se, dessa forma, uma relação simbólica entre criatura e Criador, ou seja, entre o fiel e o Sagrado, no espaço religioso da IURD.

Nessa igreja, o conceito de posse remete ao princípio da Confissão Positiva, pois a apropriação dessa terminologia torna-se recorrente nas análises de conteúdo da produção discursiva de pastores e bispos, adaptada ao cenário religioso iurdiano, de acordo com Rodrigues (2002). Para finalizar este conceito e adentrar no segundo eixo norteador deste movimento conhecido como Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tido como afinidade eletiva, é possível concluir que o tema da prosperidade transcende as questões meramente espirituais, psicológicas e simbólicas que regem a existência humana. Neste contexto, a ideia de posse evoca não apenas uma projeção imaginária, pois é amparada e substanciada pela vontade descompassada de se consumir esse discurso.

É a própria sociedade quem estimula esse desejo pela fruição dos mais diversos bens, não sendo diferente dentro do espaço religioso, pois a IURD

estimula o consumo dessa prosperidade a partir da adesão das suas mercadorias, diferentemente da perspectiva de Jay Adams que não necessariamente está preocupado com a venda de livros ou aparecimento nas grandes mídias para aconselhar as almas que precisam tanto ser salvas quanto de um refúgio.

Assim, Rodrigues (2002) afirma que o significado de posse na esfera religiosa está fortemente ligado às questões concretas dos indivíduos no plano material, podendo ser aplicado, de forma reconfigurada, porém com os mesmos princípios, em contextos sociais, históricos e políticos diferentes, sempre vinculados ao usufruto real de bens não apenas simbólicos, mas também concretos, materializados e produzidos na sociedade capitalista, ainda que o discurso ofertado seja religioso, o objetivo da venda e consumo em massa pelos fiéis ainda está presente.

Para finalizar, Rodrigues (2002) volta a afirmar que dentro dessa instituição em específico (uma vez que utiliza a IURD como exemplo), o tema da “posse” é encarado como um discurso bastante vendável que circula nesse espaço, assim ele se apresenta dentro de uma perspectiva etérea, metafísica, em que predomina uma relação com o transcendente, criando, dessa forma, uma relação espiritual. No entanto, essa relação revela e coloca à mostra toda a capacidade de desejar a apropriação da “herança de Deus” por meio da obtenção, usufruto e controle de bens materiais, de coisas palpáveis que expressem socialmente ascensão, enriquecimento, prosperidade e, acima de tudo, deseja-se a fruição desses bens exemplificados como uma resposta evidente ao apelo, à fidelidade, ao sacrifício e à hereditariedade do converso para com o Divino através de Jesus.

Posteriormente, surge o conceito da afinidade eletiva. Para entendê-lo é necessário entender a TP como uma espécie de formação doutrinária que dialoga com a ética do consumo em uma sociedade que é marcada pelo desejo de consumir, cada vez mais, os produtos oferecidos pelo mercado. O uso do conceito se torna relevante pois o conteúdo discursivo proposto pela TP que, por sua vez, ampara a IURD, circula na sociedade capitalista contemporânea que, por conseguinte, é marcada pela ética do consumo. Nesse sentido, segundo o estudo feito por Rodrigues (2002) é possível perceber que o discurso religioso,

sobretudo o de cunho de auto ajuda proposto pela IURD, veiculado nas grandes mídias, enquadra-se dentro de uma lógica e de uma ética inclinada para o consumo, diferente do que é proposto por Jay Adams em seus trabalhos de aconselhamento bíblico, visto que é algo que deve ser feito independente de ser incentivado pela lógica capitalista e midiática.

É importante enfatizar que este trabalho não analisa a TP, o mercado e a ética do consumo de forma a evidenciar que o fenômeno religioso jurdiano, fundamentado pelo discurso da teologia da prosperidade, determina ou implica em condições éticas para o desenvolvimento da cultura material do modelo econômico que está em vigor no Brasil e em grande parte dos países do mundo – o capitalismo contemporâneo, assentado no ideário neoliberal (RODRIGUES, 2002). O intuito é demonstrar como que o discurso religioso, veiculado pelas teorias de Jay Adams, propõe o aconselhamento bíblico a todos e qualquer um, diferente da autoajuda proposta pela IURD, visto que o discurso veiculado por essa última, a partir de pastores e, também, dos fiéis, evidenciam uma lógica mercadológica.

O conceito da “afinidade eletiva” é acionado para se pensar no discurso religioso propagado pela IURD porque ele permite que se analise e compreenda que há uma proximidade muito expressiva do conteúdo sacerdotal com o da sociedade do consumo, amparado pela teoria da prosperidade, que, por sua vez, pauta-se em um ideário neoliberal que entende e elege o mercado como um dos seus maiores pilares para continuar afetando os fiéis a partir da venda e estímulo do consumo de produtos para que esses se sintam mais amparados por Deus. Diferente do aconselhamento bíblico que não vende a ajuda, ela é ofertada a partir do momento que se percebe que um indivíduo não consegue lidar com os seus problemas sozinhos, precisando, dessa forma, de alguém para escutá-lo e auxiliá-lo a encontrar as respostas para esses problemas no contato com Deus.

A autoajuda de Edir Macedo, por sua vez, oferece, também, esse aconselhamento, porém o fiel é induzido a contribuir, seja comprando produtos ou consumindo produtos. Essa contribuição é exposta como uma garantia de poder exigir de Deus a solução do seu problema e esta mensagem é pregada seja na televisão, rádio ou igreja. Para finalizar este tópico sobre os conceitos que norteiam e sustentam a IURD, é necessário abordar, um pouco mais, sobre

o que é, de fato, este mercado e como ele estimula o consumo desse discurso religioso.

A problemática surge a partir do pensamento de que há a possibilidade de fruição dos bens produzidos e circulados pelo sistema capitalista apenas a partir de relações livres e concorrenciais entre os indivíduos. Elas, por sua vez, são mediadas por meio da livre ação do mercado sem a interferência de quaisquer mecanismos e instrumentos institucionais. Dessa forma, a economia de mercado pode ser entendida como uma fórmula superior à mera geração de riquezas. Nessa perspectiva, o mercado passa a ser entendido como uma entidade, de certa forma, “divina”. É importante frisar, ainda, de acordo com Rodrigues (2002) que quaisquer possibilidades de interferência externa podem maculá-lo ou profaná-lo, o que permite, aos sujeitos, por meio da competição, da liberdade e da livre concorrência, o acesso a tudo que é passível ao ato de consumir em uma sociedade que é fundada a partir de valores liberais e econômicos.

É o poder do mercado, substanciado pelo capitalismo competitivo, que opera as relações livres de troca, sem qualquer tipo de intervenção do Estado. Dessa forma, ele é capaz de colocar em voga um modelo de sociedade que promove que essa deve ser organizada a partir de uma base de troca voluntária, sendo esse fenômeno conhecido como uma economia livre de empresas privadas (RODRIGUES, 2002). O mercado, em sintonia com o pensamento neoliberal, atua como um mecanismo de manutenção, expansão e coordenação das mais diversas relações sociais, imprimindo, dessa forma, valores e ideais nas diferentes esferas de funcionamento da sociedade capitalista, pois é uma forma de afirmar que o mercado garante, ao mesmo tempo, liberdade econômica e política, promovendo, assim, a existência das trocas de cunho livre entre os cidadãos.

Assim, o mercado pode ser compreendido como uma entidade capaz de atuar na sociedade de forma ativa, pois é ele quem regula e movimenta os mais diversos discursos por meio do estímulo do consumo. Para concluir este tópico, Rodrigues (2002) elucida que esse mercado incorpora alguns valores e conceitos retirados das mais diversas esferas que regulam a vida humana em sociedade como, por exemplo, o discurso religioso, a partir da venda da auto

ajuda pautada nas Escrituras Sagradas, processo este que não acontece na perspectiva do aconselhamento bíblico proposto por Jay Adams.

É uma forma de se tentar projetar a sociedade a partir de uma associação da economia com a religião. Os valores pregados por essas esferas, aqui, no caso, a religiosa, são perpassados por intermédio das relações sociais que, por sua vez, sustentam e movimentam este mercado, assim ele pode ser entendido como um sistema moral-cultural, pois o discurso pregado é circulado nas mais diversas esferas, assim como o seu consumo é, frequentemente, estimulado, sobretudo pelas igrejas. Em uma perspectiva religiosa, o mercado atua a partir de estratégias e abordagens concretas e imaginárias, pois ao mesmo tempo que torna mais visível um determinado discurso disseminado pelas igrejas, também o santifica.

O autor citado afirma que, dessa forma, o mercado é encarado, por muitos, como um espaço de solução de problemas, de crescimento, de progresso, de prosperidade, de acumulação de riquezas, de mobilidade social, ao mesmo tempo que é encarado como o lugar da produção, da circulação e do usufruto desses bens que, por sua vez, são viabilizados pela ética do consumo, pois o discurso ofertado é vendido pela IURD como uma forma de se solucionar problemas que circundam o cotidiano desses indivíduos, apresentando, assim, diferentes formas para que esses sujeitos superem esses problemas a partir da oferta, a partir do estímulo do consumo, da interpretação dos dizeres das Escrituras Sagradas. Especificamente sobre a IURD, Rodrigues (2002) afirma que ao se utilizar dos ideais da TP, a partir do discurso clerical, oferta alguns valores quase que em todos os cultos: o amor, a saúde e a prosperidade.

Para que esses sejam alcançados, a igreja prega que é necessário agir por meio da realização do que chamam de um “perfeito sacrifício” como condição para que o Senhor derrame sobre a vida desses fiéis/crentes as mais diversas conquistas no âmbito espiritual e material, para que atestem a plenitude da vida abundante, por exemplo. De outra forma, o ideal neoliberal constrói e alicerça a ideia de que o mercado está passando, cada vez mais, por um processo de divinização para atender as demandas tanto espirituais quanto materiais dos indivíduos. Assim, torna-se importante ilustrar como se configura a Igreja Universal do Reino de Deus, para, posteriormente, serem apresentados os

devidos apontamentos em relação aos aspectos que distanciam o aconselhamento bíblico proposto por Jay Adams da autoajuda de Edir Macedo por meio da sua igreja.

2.1. ORIGEM

A Igreja Universal do Reino de Deus é nova em seu surgimento, contudo tem uma importante concentração de fieis que a frequentam sendo por isto que ela se transformou em um dos maiores acontecimentos religiosos das últimas décadas no Brasil. Segundo Mariano (2003, p. 53), o seu início foi “em 1977, no bairro Abolição, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no local onde antes funcionavam uma pequena funerária”. O crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) ocorreu por vários fatores que se somaram e contribuíram para a sua expansão. Problemas sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos que o Brasil estava passando potencializaram o seu crescimento, pois em sua narrativa, a IURD propunha a “solução” para todos os problemas. Isto somado a grandes investimentos em mídias de comunicação em massa.

Esse “fenômeno”, cumpre frisar, não se desenvolveu no vácuo social. O contexto socioeconômico, cultural, político e religioso no qual a Universal surgiu e prosperou foi assaz e favorável. Basta a tentar, no decorrer desse período, para: a agudização das crises sociais e econômicas brasileiras; o elevado aumento do Desemprego; o recrudescimento da violência e da criminalidade; “destraditionalização” e a modernização sociocultural; a vigência de plena a liberdade religiosa e de um mercado religioso pluralista. Abaixa a regulação estatal da religião ou enfraquecimento religioso e a secularização e o declínio numérico da igreja católica; a larga e contínua expansão pentecostal em todo território brasileiro desde a década de 1950, a extensa difusão dos meios de comunicação de massa e a relativa facilidade de acesso a eles; a ampla aceitação pelos extratos populares de oferta de crenças e práticas religiosas (sobretudo as de origem e tradição cristãs) de cunho mágico, terapêutico e taumatúrgico (MARIANO, RICARDO, 2003, pp.53-54).

A IURD foi fundada pelo Bispo Edir Bezerra Macedo (1945), no interior do Rio de Janeiro. É oriundo de uma família de imigrantes. Sua experiência

evangélica teve início em seus 18 anos, quando deixou o catolicismo e a umbanda indo, então, para o pentecostalismo na Igreja de Nova Vida (INV). Com os seus 30 anos (1975), contrariado com elitismo dessa igreja, liderada por um missionário canadense, Macedo fundou, com outros pastores, a Cruzada do Caminho Eterno. Dois anos depois, saiu dessa igreja para formar a Universal do Reino de Deus, cujo principal líder, no início, era seu cunhado R.R. Soares.

O Bispo Macedo é de origem católica, como já mencionamos outrora, mas também frequentou a Umbanda, contudo ele recebeu “um novo coração”³⁵ quando foi visitar a INV que funcionava na Associação Brasileira de Imprensa (TAVOLARO, 2007 pp. 81-82). Outro fator que somou com o desenvolvimento da IURD foi a pós-modernidade, pois os valores que outrora eram fundamentais para muitos perderam a sua funcionalidade. Conciliando este fator com a desigualdade social e a necessidade do homem de encontrar uma solução para a falta de valor religioso e as necessidades sociais conciliadas com o discurso religioso de mercado que a IURD adquiriu para a sua pregação, fizeram com que a igreja crescesse.

A pós-modernidade se tornou a era das mudanças. As doutrinas religiosas em posta no passado perderam as suas forças, graças ao cientificismo e a razão, que associado aos novos conceitos Morais que confrontaram qualquer dogma imposto. Paradoxalmente, a contribuição do aumento das desigualdades sociais acelerou o retorno do homem a religião. Mas este regresso apresenta-se mais como uma intenção de sanar os flagelos sociais e pessoais de se encontrar propriamente a Deus. Com isso, a Igreja Universal do Reino de Deus se transformou em um fenômeno religioso, em que, devido ao investimento em marketing religioso e nas pesquisas de mercado realizadas para satisfazer o seu público, tem justamente alcançado esta deficiência social. A Igreja Universal cresceu e se tornou um império religioso (MARIANO, RICARDO, 2003 p.178).

A IURD conseguiu conciliar o discurso com o Rito. Através dos desejos da pós-modernidade, passou a usar e denominar toda a culpa dos problemas dos fiéis ao diabo, classificando, para tanto, o diabo como o grande inimigo dos

³⁵ Também chamado de conversão ou aceitar a Jesus

homens e colocando a IURD como a única que tem a possibilidade de ser e obter a libertação deste grande mal.

A simbologia da IURD tem suas peculiaridades, pois ela consegue aliar O Ritual arcaico ao desejo pós-moderno, usando o diabo como inimigo do homem, o causador de todos os males. E, nesta luta contra o diabo, se faz necessária a acomodação dos símbolos em rituais, mediante a uma oferta. E como relata Marino (2010, pag. 54): “Macedo vai, empate graças ao diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos o seu império”. Ou seja, esta doutrina maniqueísta vai contribuindo sobremaneira para a manifestação simbólica nos templos. Conforme afirmação de Macedo (2006 p. 20): “doenças, miséria, desastre e todos os problemas que afligem o ser humano desde que se iniciou a sua vida na Terra tem uma origem: o diabo (ALVES, 2011, p.185).

Não se pode negar o poder de influência que a IURD exerceu na história e continua nos dias de hoje, apesar de que mesmo com tal exercício, houve uma baixa de 24% dos seus fiéis entre 2003 a 2009. Contudo, mesmo assim, manteve-se entre as maiores igrejas evangélicas do Brasil, de acordo com Lopes (2011). Com uma dinâmica semanal bem diversificada, a IURD atende várias necessidades dos homens. Cada dia da semana tem um foco específico. Assim, a programação foi ajustada para ajudar as pessoas que estão sofrendo a analisar qual é a sua necessidade. Nesse sentido, conduzem essas pessoas a reunião mais adequada para o recebimento dessa ajuda, ou seja, para que o mesmo possa superar as suas limitações ou fragilidades. Neste momento, analisaremos a programação de cada dia da semana.

Segunda-feira é dia da reunião da Prosperidade. É o dia do combate ao desemprego, falência e instabilidade financeira. Neste dia, a promessa é a de restauração. Segundo Alves (2011) “Neste dia a reunião de 318 pastores, apresentam os “Ungidos de Deus” representam para a libertação das finanças. A reunião conta, também, com centenas de testemunhos sobre a eficácia da campanha de oração dos pastores e da igreja.” Terça-feira é o dia da luta contra os “problemas de origem espiritual”. Por este motivo, a terça-feira é chamada do dia do descarrego. O propósito é quebra as maldições que causam doenças inexplicáveis aos olhos humanos, mas que vão ter a sua explicação espiritual, por este motivo “segundo os bispos e pastores da IURD, a causa é maligna ou demoníaca.”

Na terça-feira o dirigente se veste de branco para demonstrar autoridade contra o demônio e é notória a semelhança do seu vestuário com o vestuário do sacerdote da Umbanda e Candomblé (ALVES, 2011). Na quarta-feira, a reunião tem o objetivo de fortalecer os frequentadores para que tenham força espiritual bem como para que alcancem a benção³⁶. Na quinta-feira, a reunião é destinada a solucionar os problemas sentimentais e é denominada de Terapia do Amor. Esta reunião é destinada às pessoas que estão sofrendo com alguma dificuldade amorosa, seja pela perda da pessoa amada ou para conseguir conquista-la.

Sexta-feira é dia da Corrente da Libertação, da luta contra as forças das trevas que aprisionam e tornam cativas as pessoas, tirando as possibilidades de sucesso do ser humano. Declaram que, por este motivo, é preciso “quebrar” as correntes malignas que aprisionam o indivíduo, somente assim, a pessoa que sofre terá condições de conquistar o que almeja: o sucesso profissional ou a cura de uma enfermidade. No sábado, “a Reunião dos Impossíveis,” é direcionada ao tratamento de problemas, seja espiritual ou financeiro, o que parece impossível para os homens³⁷.

Estas reuniões, em sua maioria, conseguem atrair muitos fieis, pois estas são direcionadas para as conquistas, curas e milagres, atendendo as necessidades dos mais frágeis. Os dias da semana são trabalhados para derrotar o mal que prende o indivíduo e que por consequência o impede de obter o sucesso na sua vida profissional, sentimental, espiritual e de ficar curado de uma enfermidade. Por este motivo, as forças do mal devem ser vencidas e na teoria de autoajuda de Edir Macedo, a vitória está na sua metodologia de combate do mal.

Por conta de uma teologia Consumista e capitalista, o fiel da IURD tem sua motivação baseada em conquistas, curas e milagres. Essa análise foi perceptível nos diversos testemunhos presenciados no templo e transmitidos pela televisão. Com esta fragilidade na doutrina e o desejo para a melhor condição de vida, pode-se comparar o culto iurdianual Realizado a Baal nos tempos do profeta Oseias (ALVES, 2011, p.194).

³⁶ Lopes, E. (2011). Protestantismo e Religiosidade Brasileira (p. 18). São Paulo: Editora Reflexão

³⁷ Idem nota de Rodapé anterior

Com a linguagem “das massas” a IURD busca se fortalecer e conseguir a tão sonhada vitória contra o mal. Assim, a população de massa sente resultados na vida, e, de alguma forma, passam, novamente, a ter esperança para vencer o mal que tanto a persegue.

(...) a demandas das massas procura liberdade, ascensão social, prosperidade e sentido para a vida. Neste aspecto, talvez o grande segredo do crescimento pentecostal, conforme Dennis Schmidt (Gutierrez e Campos, p. 277) seja o fato dele estabelecer um maior contato com as necessidades populares que são: necessidade de sentir-se parte de uma comunidade; busca de um sentido para a vida que se perdeu na desintegração do contexto e da própria subjetividade das pessoas, vida inserida em um contexto de violência de todos os tipos e que leva as pessoas a busca da paz e do restabelecimento das relações rompidas, necessidade de carinho, ternura e de expressar suas emoções; busca de uma celebração gótica baseada no lúdico e na festividade (cada celebração é uma festa!) (CAMPOS, SILVEIRA, 2013 pp. 231-232).

Outra característica da IURD é a de não exigir um compromisso para com a religiosidade. O interessado frequenta a IURD, e, assim, adquire “produtos simbólicos” que, de alguma forma, vão expelir a ação do inimigo e quebrar a qualquer tido de entrave. Neste sentido, o fiel frequentador da IURD pode experimentar vários produtos bem como consumir o produto que melhor se encaixa na sua necessidade. Para Campos e Silveira (2013, p. 232), o fiel que frequenta a IURD quer ter uma experiência sobrenatural, mas ao mesmo tempo não quer se sentir “invadido” em sua privacidade, e, por este motivo, a IURD não requer, dos fiéis, um compromisso religioso, deixando o mesmo livre em sua privacidade, “sendo assim uma religiosidade com menos compromisso”. Vivemos em uma sociedade consumista e é notória a adaptação da linguagem de marketing religioso para vender os “produtos simbólicos” que são oferecidos aos frequentadores ou aqueles que têm contato a partir dos meios de comunicação.

2.2. TEOLOGIA

De acordo com Edir Macedo a teologia³⁸ é mais que “estudo de Deus”. A teologia é “inteligência da fé”. Em outro sentido, a teologia é a “fé colocada em termos de raciocínio e reflexão”. A fé teológica deve ser racionalizada, mas também experimentada, praticada e vivida, segundo Macedo [19--?]. Por este motivo, a teologia deve ser o “estudo de Deus”, e, para Edir Macedo, o que tem sido praticado é o “estudo dos estudos de Deus”, assim, os homens estabelecem os “ismos” e, por ,consequência surgem as “abstrações”, que desviam o fiel da Bíblia para se manter no Deus dos “teólogos dos concílios e das teses” (MACEDO, [19--?].

A teologia surgiu na tentativa de explicar Deus. O cristão tenta entender Deus, o religioso tenta explicá-lo. No entanto, por mais formosa que seja a teologia, ela divide os cristãos: “católicos de católicos e evangélicos de evangélicos.” A teologia segmenta os fiéis seguidores de Cristo em “católicos, evangélicos, carismáticos, pentecostais, tradicionais, renovados, reavivados, liberais, ortodoxos, etc. Que desgraça!” (MACEDO, [19--?]. Neste sentido, a teologia, para Edir Macedo, causa um mal irreparável ao ser humano que busca encontrar Deus, mas não sabe onde encontra-lo, porque quando este olha para as diversas vertentes, o mesmo não consegue identificar qual caminho deve seguir. A igreja deve ser considerada “um pronto-socorro dos acidentados espirituais”, sendo assim, o papel da igreja é acolher aqueles que sofrem com a derrota do pecado, para tal missão a igreja é chamada a executar esta tarefa com ternura.

Segundo Edir Macedo [19--?], se o cristianismo entendesse a prática da fé e a sabedoria da Palavra de Deus, teria uma fé operante, pois a fé teórica anula o sacrifício de Jesus. O “evangelho não consiste de sabedoria”, ou de qualquer sabedoria humana, o evangelho não é um conjunto de doutrinas que formulam uma filosofia de vida, no entanto a filosofia de vida é constituída pelo poder de Deus. Neste sentido, a primeira atitude que o ser humano terá para

³⁸ Strong, A. H. (2008). Teologia Sistemática. (J. C. Martinez, Org., A. Victorino, Trad.) (Edição Revisada e Ampliada, Vol. 1 & 2, p. 29). São Paulo: Hagnos. Define TEOLOGIA COMO “a ciência de Deus e das relações entre Deus e o universo. Embora a palavra “teologia” seja empregada, às vezes, em escritos dogmáticos para designar um simples departamento da ciência que trata da natureza e atributos divinos, o uso prevalecente, desde ABELARDO (1079–1142 d.C.), que intitulou seu tratado geral “Theologia Christiana”, o qual abrange sob este termo todo o acervo da doutrina cristã.”

compreender a Deus é: crer nele e neste ponto de vista a fé é exercitada, no entanto sua origem nunca será dos estudos teológicos.

A teologia tende a levar o homem a viver uma “religião fanatizada”, pois, assim viverá mais para teologia do que para Deus, e, por consequência, o religioso estará mais preocupado com os aspectos de sua religião como: templos, cerimônias, doutrinas, sapatos, cultos etc. No momento em que o fiel tiver sua preocupação voltada a estes ritos, deixará de seguir os passos de Jesus (MACEDO, [19--?]). Outro problema da teologia apresentada por Edir Macedo são as: seitas, religiões, filosofias e escolas de teologias. Estas instituições em vez de aproximar o homem de Deus têm afastado o homem de seu Criador. Pois, o homem, ao trilhar o seu caminho para buscar a Deus, tem se distanciado dele no seu “erro e na sua ignorância”.

Para exemplificar este conceito Edir Macedo utiliza a experiência do apóstolo Paulo na ocasião que estava sob a teoria em que perseguia a igreja. Quando o mesmo teve a experiência com Deus, houve uma transformação total e completa em sua vida. A mudança nunca virá por “estudos, pesquisas, ou práticas da religião”. Algumas instituições religiosas se preocupam com pormenores doutrinários que aparentam não experimentar a autoridade que Jesus outorgou aos seus seguidores. Já outras conhecem o poder de Deus de maneira teórica, ou seja, a partir de estudos e palestras, mas não o colocam em prática (MACEDO, [19--?]).

Mediante o tradicionalismo imposto e suas cerimônias vãs, a relevância de construir templos suntuosos e suas políticas eclesiásticas evidencia o descrédito com a libertação dos oprimidos do diabo. Estes padrões tomam conta de uma denominação evangélica e seus líderes eclesiásticos, e, sem que talvez saibam, sedem terreno para espíritos enganadores e mentirosos, ocasionando, assim, no enfraquecimento da igreja, a tornando frágil e doente. Possivelmente, a “derrota dos crentes em suas vidas morais se deriva ao fato que não leva muito a sério esse combate,”. Edir Macedo (2019) relata que: “os recursos humanos, as resoluções morais, os sistemas religiosos e o conhecimento teológico intelectual não nos levarão a nada, pois somente usando a armadura de Deus podemos ter a vitória neste combate espiritual”.

Conforme Edir Macedo, o cristão necessita ter um contato pessoal com seu Senhor por uma comunhão mística sendo revestido, portanto, da armadura de Deus para estar à frente do combate. Muitos cristãos ainda não se convenceram de que suas armas espirituais são ofensivas contra o diabo, por este motivo vivem em fracasso. Entende-se, então, que “as mentes dos cristãos devem mudar; nossa estratégia precisa ser aprimorada, devemos assumir a nossa posição!”. Segundo Macedo (2019), muitos desconhecem o significado da igreja e ela está enquadrada em uma luta espiritual contra os principados, as potestades e os príncipes das trevas.

2.2.1 Templo e Rito

O lugar de culto na IURD é especial para todos aqueles que lhe procuram. Assim como em espetáculos seculares, tem-se todo um preparo bem como formas elaboradas para comover e mexer com o emocional da plateia. A IURD, também, faz uso das técnicas que mexem com a plateia, e, assim, mobilizam a “fé”.

O sistema do culto da Igreja Universal, como todo o ato dramático, existe cada assistente uma intensa participação, e para sua realização é necessário um espaço físico apropriado, além de atores, script e plateia, tal como no teatro convencional e profano. Mas, são estes locais de culto tão somente como mero espaço voltado para representações dramáticas? Que eventos credenciam esse espaço geográfico a ser também um templo, e como todos os demais, uma “morada do Sagrado”? (CAMPOS, 1997, p.115).

Segundo Campos (1997) “o protestantismo, embora seja considerado agente do processo de secularização, conseguiu fazer do templo um espaço apenas semi-dessacralizado”. Nesse contexto, Manuel de Melo declarou que o povo precisava se sentir à vontade no templo, pois a ideia de entrar no templo e pensar que está num túmulo, não poderia existir mais. Para Melo e McAlister citados por Campos (1997), neste movimento, o espaço de culto se torna sagrado, apenas, quando os adoradores estão nele. É possível que este pensamento/atitude seja uma herança do movimento “Tendas de Cura Divina” cuja igreja pentecostal se reunia em tendas e o espaço de culto se tornava

sagrado quando utilizado para realização do culto. É destaque o movimento pentecostal de 1906, ocorrido na cidade de Los Angeles, no antigo templo da abandonada igreja Metodista Africana. A oposição que estes pentecostais sofreram fez com que fossem denominados de protestantes. Os pregadores pentecostais não davam grande importância ao espaço do culto, ao invés disso, o destaque era para o evento que estava proposto.

A arquitetura destes lugares de culto da IURD deixava o espaço tradicional de lado para se reunir em lojas e comércios, ou seja, onde era possível ter grande visibilidade bem como a acesso à uma grande quantidade de pessoas, não importando o que se faz no espaço antes da cerimônia, o importante é o que se faz. Para a IURD não teria problema utilizar um espaço usado para passar filme pornô, por exemplo.

O pentecostalismo salvo exceções fez com que o espaço de culto abandonasse a arquitetura gótica ou rebuscada e se instalasse em antigas garagens, lojas comerciais e desativados galpões industriais, comerciais ou áreas de lazer. Buscava-se então o Deus dos místicos, que habita o interior dos seus adoradores, não importando que a sua invocação se dê num espaço às vezes dedicados à apresentação de filmes pornográficos ou num prédio comercial. A Igreja Universal durante o seu período inicial, usou com muita frequência espaços de cinemas decadentes nos quais horas antes do culto eram projetados filmes pornográficos conforme notícias do Jornal Brasil (30.3.88) (CAMPOS, 1997, p.119).

Para a maioria das igrejas evangélicas e para a igreja católica, o templo é sacralizado. Contudo, os pentecostais relativizaram este conceito e desenvolveram dois elementos para pensar-lo: onde está o Espírito Santo e o local de culto como um espaço qualquer. As barreiras deste pensamento se deram por causa da existência de duas lógicas. Essa dessacralização do espaço do culto trabalha, então, com duas lógicas: (1) vê o espaço de culto com uma lógica “racionalizadora”, ou seja, este vê o espaço do culto como um lugar qualquer, podendo este tomar forma em livrarias, cantinas e lugares de adoração e (2) a lógica do “lugar purificado” considera o espaço/construção como um lugar reservado, exclusivamente, para o culto, tendo por base o relato bíblico de Moises, visto que ele, ao encontrar com Deus, recebeu a ordem de tirar as sandálias porque o lugar que o mesmo pisava era

santo. Todavia, existem igrejas pentecostais que ainda mantêm a lógica da sacralização do espaço de culto (CAMPOS, 1997).

A IURD é uma igreja que ajuntou vários conceitos de várias denominações (umbanda, catolicismo, pentecostalismo e etc). Por isto, a mesma tem várias crenças e práticas diferentes dependendo da origem do seu líder. É bem possível ter vários posicionamentos e pensamentos no processo de ser igreja, apesar de todas as tentativas de padronização do rito e discursos. Segundo Campos (1997) “toda a padronização discursiva e ritual, imposta por sua direção, ainda é um conglomerado e possui uma unidade apenas aparente. Possivelmente, “várias IURDs” coexistem nos mesmos espaços geográficos e simbólicos”.

Essa multiplicidade pode ser percebida na prática e discursos de seus agentes, oriundo de tradições diversas e contraditórias, refletindo assim maneiras distintas de percepção do espaço cültico. Por isso, em suas reuniões as pessoas que conversam, riem e se locomovem e demonstra ter sinais de cansaço, principalmente na hora dos sermões, enquanto outras pessoas se dirigem até o “altar” e ali beijam a cruz e o “manto sagrado”, quando colocado sobre a cruz. Nos cultos televisionados, nas manhãs de domingo, percebe-se claramente ser o seu sermão a parte mais enfadonha do culto, pois, durante a sua apresentação, nem sempre os fiéis reagem aos incessantes estímulos do pastor com perguntas: Sim ou não, irmãos?, “você entenderam, sim ou não?”, “então amém, irmãos!”. Sem dúvida, essa parte do culto apresenta um quadro próximo ao que acontece nos cultos de várias igrejas protestantes históricas. Todavia, os cultos solenes das manhãs de domingo (o santo culto no seu lar) são transmitidos apenas parcialmente, deixando de lado possíveis cenas de cura, exorcismo e, principalmente, as coletas. (CAMPOS, 1997, pp.120-121).

O templo e a ideia dele são elementos de suma importância no estudo da referida religião. Como ele foi feito, as formas que se deram, qual a estrutura interna que foi utilizada e por que são perguntas essenciais. Campos (1997), reitera que o estudo do espaço do culto e os seus elementos são fundamentais para entender o movimento religioso. Campos (1977, p 139), entende, ainda, “que a estrutura interna da mentalidade de um grupo nunca pode ser mais claramente captada do que quando tentamos compreender sua concepção do tempo, a luz de suas esperanças, aspirações e propósitos”. Dentro desta perspectiva, o templo pode ser “sagrado ou profano” ou a mensagem daqueles que dirigem o rito relatarão sobre espaço. Entretanto, não se pode desprezar a

análise do espaço cúllico, suas dimensões seus referenciais e a cultura humana bem como o período em que se localiza na história.

A humanidade, por si só, tem a necessidade de festas e ritos que os desafie a tomar decisões. Estes ritos, na IURD, remetem a Bíblia, mais precisamente ao Antigo Testamento, apropriando-se, para tanto, de imagens ou conceitos que serão responsáveis por mexer com imaginário dos fiéis, e, assim, desperta-los na fé.

Por isso, a tremenda as limitações nas comparações entre a forma de povos tribais urbanos industriais, de concepção no tempo e de sua duração. Mircea Eliade (1993:3 s/d:81) percebeu o quanto essa questão está ligada as necessidades humanas de festas, e de ritos provocadores de repetições desencadeadores de um “eterno retorno”. A participação nos ritos é, portanto, um mergulho nos tempos imemoriais, no caso da Igreja Universal, nos “tempos bíblicos”, mediados por uma leitura de pastores através da Bíblia, e dos fiéis por meio do conteúdo Imaginário popular moldado pela tradição católico-afro-brasileira (CAMPOS, 1997, p. 139).

Campos (1997), ao analisar a rito praticado pela IURD, entende as práticas e o comportamento dos seus líderes e fiéis a partir dos ritos para compreender as ações e reações. Assim, “os ritos são portadores de uma chave usada para abrir espaços temporais”. É com os ritos do passado que se resolve coisas do presente. Desta forma, podemos analisar a unidade dos ritos, a liturgia, as suas conformidades e o envolvimento dos fiéis a partir desta dinâmica. Nessa perspectiva, Campos (1997) enfatiza que “pertencer ao grupo significa ter no mesmo tempo momento do dia e do ano o mesmo comportamento de todos os membros do grupo”. Dentro desta análise, o envolvimento dos fiéis com a IURD resulta em uma organização e funcionamento do templo a partir da ideia de pertencer.

A IURD mantém um padrão de dia, horário e linguagem ritual. Tudo isto é acionado para manter a regularidade bem como para criar uma religiosidade popular voltada para eventos. Assim, contempla, no seu cronograma de culto, as horas e o que será proferido naquela reunião.

Na Igreja Universal, os dias e as horas são padronizados, arbitrariamente divididos, me comparando se na sua linguagem ritual a ideia já presente na religiosidade popular, como prazos, dívidas, pagamento de promessas, peregrinações, novenas e sacrifícios. Desta maneira, ela propõe uma divisão do tempo, na qual as tradições litúrgicas do cristianismo histórico, centrada nos eventos marcantes da vida de Jesus, nascimento, batismo, morte, ressurreição e ascensão ao céu, não são prioritárias. Na Igreja Universal, pelo menos nos jornais que analisamos e cultos a que assistimos, há muito menos referências ao Natal, Quaresma, Pentecostes e outras as festividades cristãs tradicionais, do que nos jornais católicos ou protestantes históricos (CAMPOS, 1997, p. 143).

A IURD tem a prática da realização de “correntes de fé”. Existe um dia fixo (e é igual em todas as igrejas) para manter, assim, a constante repetição do ciclo. Nesse sentido, sempre, existirá uma campanha em andamento ou próxima a se realizar. As “correntes” bem como as atividades semanais exercem uma função peculiar nas igrejas e em especial na IURD, pois a sua dinâmica trabalha o envolvimento do fiel em vários dias, períodos e temas propostos, seja em preparação para a campanha, ou, ainda, para a obediência ao calendário. Portanto, tais atividades tem o propósito de fidelizar o frequentador, que, por sua vez, tem o objetivo de alcançar a realização objeto de sua busca (financeira, amorosa ou profissional). Dessa forma, o rito praticado na IURD é bem mais fácil do que os praticados pelo evangélicos ou até pela igreja católica romana. O rito iurdiano é aplicado com variações, mas com práticas semelhantes, por isto a IURD é considerada como uma “igreja moderna”.

Esse é um dos motivos pelos quais a Igreja Universal é encarada por algumas pessoas como uma “igreja moderna”, em oposição às outras, “igrejas obsoletas”, qual a praticar os “rituais ineficazes”, para solucionar os problemas do “homem moderno”. Também um outro ponto de vantagem, é o fato de o IURD ser percebida como um movimento a ver só se rituais cristalizados, e com baixa preocupação com as sistematizações doutrinárias. Tais características atraem pessoas, que a procuram por mais por causa de suas “orações de fé poderosa” do que pelas suas doutrinas. Em outras palavras, como ocorre no protestantismo histórico (CAMPOS, 1997, p.153).

2.2.2 Fé

Para o Bispo Edir Macedo (2007) a fé pode ser resumida em dois tipos: “A fé natural, que já nasce com todos os seres humanos e faz parte deles no dia a dia é a certeza colocada nas Forças da natureza;” e a “fé Sobrenatural, que a certeza colocada na força do Sobrenatural. Ela oriunda da força das Trevas ou do Poder da Luz.” Para o fundador da IURD, Edir Macedo, a fé é positiva e ativa, e, assim, atua como a própria energia de Deus agindo no homem. Ele se utiliza dessa interpretação de fé para direcionar os fiéis na a crerem que podem receber a vitória para seus problemas ao se apoiarem em sua autoajuda para solucionar problemas diversos. É necessário não apenas conhecer a Deus, mas adquirir uma fé viva ativa e positiva que leva o aconselhado a ter a experiência em Deus que o conduzirá, por fim, à vitória dos seus problemas.

Tudo o que Deus espera daqueles que crêem n'Ele de todo o coração é simplesmente uma atitude de santidade à Sua chamada, ou seja, não acredito que o Espírito Santo tenha-nos feito filhos de Deus para que fiquemos somente desfrutando dessa riqueza neste mundo e no mundo vindouro. Não! Se Deus, pelo seu Espírito me revelou o plano da salvação e o salvador Jesus Cristo me revelou o plano da salvação e o salvador Jesus Cristo, foi para que eu tomasse essa revelação e a espalhasse, o mais rápido possível, pelos quatro cantos da Terra, a fim de que aqueles que estão nas trevas possam ver a luz, da mesma forma como aconteceu conosco. É justamente aí que entra a razão da Fé positiva ativa, pois ela é a própria energia Divina em nós, para produzirmos luz neste mundo tenebroso. Deus realizou toda a parte que lhe cabia no plano de resgate do ser humano, que havia sido expulso da sua presença. O Senhor Jesus veio a este mundo para ser sacrificado, a fim de poder salvar aqueles que têm aceitado o Seu sacrifício em favor de suas vidas (MACEDO, 2007, pp. 103-104).

A fé que vem de Deus é sobrenatural e age na vida do homem por meio da Palavra de Deus, pois quando Deus promete Ele é obrigado a cumprir. Assim, essa fé sobrenatural em Deus é a fé na Sua Palavra, no que está na Bíblia para o fortalecimento do homem. Para Macedo (2007), a fé vem de Deus e é alcançada a partir de sua Palavra. Todavia, não categoricamente nesta ordem, pode ser inversa, ou seja, a Palavra gerar fé. Para ele, a Palavra mostra o caráter, a vontade de Deus. Neste sentido, quando o ser humano confia nas Escrituras ele confia, completamente, a sua vida ao próprio Deus. Portanto, não basta, apenas, ter a fé, é necessário ter fé e coragem para deixar a covardia de

lado. A fé sem a coragem se torna nula. “A coragem de colocar em prática a obediência a Deus. Sim, porque a fé, se não estiver aliada a coragem, se torna ineficaz, improdutiva e morta”.

A coragem é imprescindível para a concretização da manifestação do poder de Deus na vida do cristão. Nós mesmos temos tido essa experiência dentro do trabalho da Igreja Universal. As pessoas que mais demonstram coragem nas suas atitudes de fé são também as mais abençoadas (MACEDO, 2007 p.111).

Para Macedo (2007), a solução para o pobre é crer que a fé pode fazer com que ele deixe a pobreza, e, assim, será capaz de encontrar o seu próprio caminho para se realizar na vida. A fé positiva e ativa, segundo ele, resultará em benefício para que “o pobre não encontre um caminho próprio. Se um pobre não encontra um caminho próprio, pelo qual possa subir na vida, independente de quem quer que seja, será muito difícil alcançar uma posição melhor na sociedade.” Todos os benefícios provenientes da fé têm um preço e, é lógico, cada milagre tem o seu próprio valor. Macedo, ao tratar sobre sacrifício, oferta e fé, afirmou: “Podemos afirmar que a fé é a alma do sacrifício. Qualquer que seja o sacrifício, a fé é a sua fonte geradora. É a fé que o estimula; sem ela, não pode haver o perfeito sacrifício” (MACEDO, 2004).

2.2.3 Exorcismo

As igrejas neopentecostais, na sua prática de expelir demônios ou de personificar os problemas, entendem que o mau, nos demônios, age para amarrar os demônios e expelir dos seus fiéis. Para Campos (1997) “A “amarração de demônios” se baseia na premissa que os demônios estão soltos e podem entrar em animais, objetos, pessoas, principalmente no momento do culto a Jesus Cristo.” Para que tais práticas se realizem, é o pastor quem tem poder para amarrar os demônios e expeli-los. Por isto, amarrar os demônios é uma prática constante.

Há, portanto, uma guerra cósmica que os cultos, “correntes de fé” ou “campanhas” da Igreja Universal procuram dramatizar. Dessa maneira, cada milagre, conversão e exorcismo são

pequenas amostras de decisivas vitórias de Deus, contra as forças diabólicas (CAMPOS, 1997, p. 336).

Para a IURD o exorcismo deve ser praticado, pois os demônios têm por objetivo atuar nas vidas das pessoas para as afastar de Deus, não permitindo, então, que o plano divino ocorra na vida dos homens. Quando a libertação acontece, a pessoa pode encontrar forças para seguir a Jesus e ter uma vida vitoriosa. O expelir demônios, para a IURD, tem a função de libertar o fiel para este ter uma vida normal. Para Campos (1997) o exorcismo, na IURD, é “ponto de partida para uma vida normal”. Neste sentido, o exorcismo tem o fundamento de restaurar e libertar aqueles que sofrem, trabalhando, para tanto, de forma terapêutica para a obtenção da solução para a opressão do diabo sobre os fiéis, pois aqueles que não passam pelo exorcismo podem sofrer as consequências da ação escravizadora compostas a partir dos sofrimentos e dos dramas.

O ritual do Exorcismo é realizado pelo pastor obreiro. Precisam, constantemente, ora e jejuar. O auditório, por sua vez, também precisa estar preparado dentro de uma liturgia para o momento do exorcismo. Assim, ajudam a expelir os demônios “com gestos, cânticos e exclamações do tipo: “Queima Jesus! Queima Jesus!”. Ações que incluem o bater dos pés no chão, são uma forma de expressar a crença de que o diabo está sendo pisado pelos “exorcistas auxiliares” (CAMPOS, 1997).

O exorcismo dramatizado, traz para o palco o que uma sociedade, mas abomina. O demônio é a metáfora, o nome que se dá a um monstro que precisa ser personificado, exteriorizado e expulso da vida. Mas, é no processo que o etéreo se torna tangível o que existe muito mais no Imaginário e na expectativa dos participantes da encenação se visibiliza (CAMPOS, 1997, p. 347).

A pessoa pode ou não estar possuída por um espírito imundo. Depende da forma pela qual contraiu aquela enfermidade. Para a IURD, muitas doenças têm ou podem ser causadas por demônios. Para se resolver estes problemas é necessário expeli-los. Por isso, o demônio deve ser expelido, pois o ser humano tem vivido o caos por causa de sua ação, provocando, dessa forma, doenças, enfermidades e dores que aprisionam o ser humano tanto na área emocional

quanto na profissional. Desta forma, a libertação ocorre por meio do exorcismo, e, assim, obtém-se a cura (CAMPOS, 1997).

É notório que os líderes da IURD atribuem todos os problemas a uma causa de origem espiritual (o demônio) está eximindo a responsabilidade do indivíduo, pois o mau tem origem que não é causada por aquele que sofre, mas sim por um trabalho espiritual que fizeram, uma ação negativa externa).

2.2.4 Cura

A IURD relaciona a cura como manifestação dos dons espirituais. Tal ênfase se dá a partir dos milagres das igrejas cristãs situadas no primeiro século bem como pauta-se nas realizações do Novo Testamento.

Aparentemente, a Igreja Universal atua naquela Fronteira das doenças psicossomáticas e desperta nas pessoas um imenso potencial de otimismo, talvez o fator responsável pelo desencadeamento de processos de estagnação ou de regressão da enfermidade. Talvez o fator responsável pelo desencadeamento de processos de estagnação ou de regressão da enfermidade (CAMPOS, 1997, p.351).

A classe mais pobre, que não tem condições de pagar médicos, ou aquelas pessoas que, segundo a medicina convencional não tem mais solução, são atraídas pela IURD e sua narrativa de solucionar os problemas. E são estes que estão em “situações limites” e por encontrar uma narrativa favorável quando chegam à IURD. Portanto, para Campos (1997), as pessoas que chegam procurando cura, nesta instituição, são aquelas que, de uma forma ou outra, buscam por um milagre, ou seja, são pessoas que estão chegando no seu limite de sofrimento e decepção com a medicina convencional. Por este motivo, estas pessoas são atraídas a IRUD, visto que oferece acolhida e apoio na luta contra as enfermidades.

Portanto, no pensamento da IURD, Jesus veio ao mundo para manifestar o Seu reino, ou seja, o “reino de Deus.” e comissionar os Seus a realizar as mesmas obras que Cristo Jesus realizou. Com a vida de Jesus na terra, obteve-se o reino de Deus, e, por consequência, visualiza-se todos os sinais que Jesus realizou na terra para mostrar que Ele era o filho de Deus. O mesmo Jesus

enviou os apóstolos para continuar a Sua obra iniciada por ele. Da mesma forma que Jesus curou enfermos e expilou demônios, aqueles que o seguem também deverão ser capazes.

Para Campos (1997), “Hoje, essa crença faz parte da teologia oficial de todos os ramos pentecostais, embora uns enfatizem a “cura divina” mais do que outros.” Contudo, para a teologia da IURD, a cura é a recuperação dos males. A evangelização só se completa quando a pessoa deixa a enfermidade, ou seja, quando todos os demônios saem. Apenas assim a pessoa estará liberta.

A cura é levar as pessoas à salvação, por meio de um afastamento radical das causas de seus males, os demônios. A cura é, nesse sentido, uma recuperação da harmonia e da paz, rompida pela presença e racional e demoníaca na história humana (CAMPOS, 1997, p. 356).

Por este motivo, o convite “pare de sofrer” é feito, e, uma vez aceito pelo convertido, infunde, nele, uma autoconfiança anteriormente inexistente e o faz encarar a vida de uma maneira mais otimista.

2.2.5 Prosperidade

Segundo a IURD, Deus não fez o homem para sofrer ou passar por necessidades. Por isto afirmam: “Deus não se contenta com o fato de seus filhos serem pobres e necessitados”. A prosperidade, dentro desta visão de sucesso, tem grande importância.

O Paraíso idílico no qual viviam Adão e Eva, não está perdido. Ele está à disposição dos que aceitam o “Jesus da Igreja Universal”. Ir a um de seus templos, “assumir um compromisso com Deus” e “participar da aliança com Deus”, é retomar O Caminho das origens e voltar ao seio da “família da prosperidade”, na qual há uma “vida abundante”, que garantida por Deus “através de Jesus Cristo” e que “inclui todas as bênçãos e provisões de que necessitamos, o mesmo que venhamos a desejar”, acredita Macedo (1993:86,38) (CAMPOS, 1997, pp. 367-368).

O cristão deve exercitar a sua fé, ou seja, deve colocar a sua fé em ação e se tornar um sócio de Deus. Colaborar com Deus praticando a fé é essencial.

Assim, defende-se que para quem vive as promessas de Deus, sendo fiel com o seu sacrifício, para estes, Deus é obrigado a derramar a Sua prosperidade.

O Deus que emerge das afirmações iurdianas é uma divindade escrava de suas promessas, dentro de uma lógica impecável, assim argumento é o pastor: Deus promete saúde e prosperidade, exige que o fiel Faça a sua parte contribuindo para a “casa de Deus”. Cumpridas todas as exigências, com muita fé e nenhuma dúvida, o milagre só tem que acontecer. Basta exigir de Deus a realização de desejos. Basta exigir de Deus a realização de Tais desejos (CAMPOS, 1997, p. 369).

Se não der certo a prosperidade, ou seja, se o cliente não prospera, não é culpa de Deus e sim do fiel que falhou na sua fé. Deus não falha ou erra, por isto, se o fiel não está recebendo as dádivas de Deus, significa que este não está sendo fiel a Deus e precisa, assim, reconciliar-se com Ele. Conforme Campos (1997), “essas promessas, às vezes, levam pastores locais a pedir em uma contribuição maior do que o dízimo de 10%, estimulando pessoas a doar em 20% ou 30%, ou seja, 10% para cada pessoa da Santíssima Trindade”. Para que o fiel receba os benefícios da prosperidade é fundamental que o mesmo vá ao templo da IURD, pois, somente assim, ele terá condições de tomar posse daquilo que um dia o diabo tomou.

CAPÍTULO 3 - QUAIS AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE ACONSELHAMENTO BÍBLICO E A AUTO AJUDA?

A exploração da divergência que envolve a veiculação do discurso religioso por Jay Adams e pela IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), representada, principalmente, por Edir Macedo, no Brasil, pode ser iniciada com uma primeira diferença: conselheiros que optam pela linha do aconselhamento proposto por Jay Adams aparecem em menor número, pois a auto ajuda oferecida por Macedo se tornou um grande empreendimento e, como tal, tem como escopo o lucro por meio da oferta desses conselhos as almas que precisam ser salvas, o que não acontece na perspectiva de Jay Adams, pois este aconselhamento não pode ocorrer de forma segregada e limitada apenas a quem paga. Feitas essas considerações, é importante frisar que o sucesso do empreendimento conhecido como IURD, segundo Campos (1999), pode ser medido pelo número de templos abertos nos quais são atendidos cerca de quatro milhões de pessoas em 65 países seja em cultos, correntes de fé e campanhas de fé. O autor aponta que segundo estimativas feitas pela imprensa, a Igreja Universal do Reino de Deus, em 1995, arrecadou aproximadamente 950 milhões de dólares. Por conta dessa expansão, o discurso proposto pela IURD invadiu as mais diversas mídias (emissoras de televisão e rádio, assim como jornais e revistas).

É possível, nesse sentido, afirmar que sobretudo no contexto atual, essa rápida expansão procurou se legitimar a partir do oferecimento dos ideais e valores cristãos por meio de uma perspectiva mercadológica, o que não acontece no aconselhamento bíblico proposto por Jay Adams. Campos (1999) afirma que a IURD atingiu um grande sucesso porque a sua expansão provocou e sucedeu uma crescente visibilidade deste empreendimento nas grandes mídias, sobretudo na televisiva, fenômeno este que não aconteceu com o aconselhamento bíblico, visto que a sua atuação sempre teve como intuito converter as almas para as igrejas a partir das conversas cotidianas com as pessoas que faziam parte do seu meio, sem recorrer, para tanto, à mídia, seja ela impressa, televisiva ou digital. Diferente de Jay Adams, a auto ajuda de Macedo se concentra, majoritariamente, nas mais diversas manifestações

mediáticas, dessa forma, a IURD tem monopolizado, cada vez mais, o campo cultural, religioso e simbólico do país, visto que a sua reputação e expressividade tem aumentado com o auxílio das plataformas midiáticas, bem como, atua, ainda, no campo político, atuação essa que não é na perspectiva do aconselhamento bíblico.

A segunda diferença existente entre as duas correntes diz respeito, exclusivamente, à popularização dos movimentos. Segundo Rodrigues (2008), o contexto brasileiro da década de 1980 contava como uma série de instabilidades sociais que derivaram, por sua vez, de um processo de mudança de regime político no Brasil, dessa forma, discursos que colocavam em evidência os ideais de mudança no estatuto social prevaleciam. É neste contexto que o discurso religioso passa a agir. É neste período que prosperaram e expandiram, em termos de patrimônio, as instituições que enfatizavam a prosperidade enquanto uma promessa passível de ser confirmada pela “ação divina”, ideal esse que modificou, radicalmente, a vida socioeconômica dos fiéis, sobretudo daqueles mais devotos. Apareceu neste momento histórico uma aproximação até então inédita entre o discurso político e o religioso, ambos, juntos, acabaram constituindo uma nova dimensão para a prática do convencimento e captação de indivíduos que não é utilizada pelo aconselhamento bíblico proposto por Jay Adams: o uso estratégico do discurso político atrelado ao religioso por meio da oferta de promessas para a captação desses fiéis para que esses ajudassem a movimentar o capital da igreja, consumindo, de forma ativa, o discurso pregado pela IURD.

Assim, Rodrigues (2008) reitera que o viés econômico permeado pelas tentativas de convencimento prevaleceu, de forma absoluta, no imaginário brasileiro, tendo como suporte a profusão e divulgação das decepções que se acumularam durante o processo de mudança de regime político no território brasileiro. Assim como amparava-se, também, na divulgação de um conjunto de reivindicações que não foram atendidas pelo viés, majoritariamente, político e religioso para angariar fiéis que se tornariam, posteriormente, o seu público consumidor.

A persistência e o aprofundamento das mais diversas crises, de acordo com Rodrigues (2008), foram canalizadas e maximizadas a partir de interesses

específicos defendidos por algumas instituições religiosas, em especial pela Igreja Universal do Reino de Deus. O autor alude que esta, em específico, procurou romper com a tradição religiosa que era caracterizada pelas pregações e práticas doutrinárias marcadas por uma participação (ou, como muitos autores dizem, não participação) passiva e conformista, tanto no plano religioso quanto no âmbito das relações interpessoais.

Um dos principais instrumentos ativados e utilizados em massa para a superação da mentalidade da época, sobretudo nas esferas política e religiosa, proposto pela IURD foi a utilização e potencialização dos meios de comunicação de massa para angariar mais almas que precisavam ser salvas e, com isso, aumentar e movimentar o seu capital financeiro, pois incentiva-se, até hoje, o consumo em massa dos conselhos religiosos a partir da adesão de produtos, processo este que não ocorre no aconselhamento bíblico de Jay Adams, pois não se mantém em mente captar fiéis para que os ensinamentos da Bíblia sejam vendidos ao invés de concedidos.

Rodrigues (2008) afirma que com o controle e a posse dos meios de comunicação em massa potencializaram a propagação do discurso religioso de caráter neopentecostal, elemento esse que não apreça na corrente veiculada por Jay Adams. Esse controle garantiu condições adequadas às instituições religiosas para se afirmar no contexto massivo midiático que impera no mundo atual e, assim, tornar-se um discurso atrativo para ser produzido e circulado no mercado capitalista. O autor alude que se trata de um exercício de um tipo específico de poder, ou seja, objetiva-se e deseja-se convencer, formar opiniões e pontos de vistas e, de certa forma, busca-se construir identidades. Assim, torna-se importante se considerar a relação existente entre o poder, o direito e a verdade para se entender o processo de produção desses discursos religiosos que ditam verdades a serem compradas, defendidas e divulgadas pelos fiéis nas mais diversas esferas que regulam a vida humana na sociedade.

Inserem-se, assim, esses indivíduos em círculos dominantes onde se há a figura de um formador de opinião, aqui, no caso, representado pelos pastores, responsáveis por trazer aos fiéis os valores e ideais das Escrituras Sagradas. É um mercado que tem se tornado bastante competitivo, pois tem-se notado que as mais diversas instituições religiosas, sobretudo as que buscam se inserir nas

mídias, competem entre si para vender, de forma mais expressiva e massiva, os seus valores aos fiéis por meio da autoajuda. Especificamente na televisão, objetiva-se doutrinar e converter novos fiéis para este império. Sobre o perfil desse público consumidor, notou-se que, usualmente, são pessoas solitárias por excelência e/ou que estão enfrentando algum tipo de problema. Na perspectiva de Jay Adams também se busca por essas pessoas, entretanto, o processo de conversão é mais cotidiano e espontâneo, pois não se apela para nenhum tipo de mídia, seja ela impressa ou digital.

A terceira diferença que distancia os dois religiosos é o uso massivo de estratégias de marketing. Moraes, Figueredo e Zanotta (2004) entendem que esse processo é conhecido como a tarefa de criar, promover e fornecer bens e serviços a clientes, sejam essas pessoas físicas ou jurídicas. Enquanto que para Jay Adams os fiéis são considerados, em sua essência, apenas como cristãos que precisam ser salvos por meio da palavra divina, Macedo, a partir da sua igreja, entende esses sujeitos como clientes, para tanto, o discurso religioso que circula na IURD visa captar sujeitos dispostos a consumir, de forma ativa, os valores e ideais de Cristo por meio da adesão de bens materiais considerados como facilitadores para que haja a aproximação desses indivíduos com os ensinamentos bíblicos. Para tanto, a IURD se apoia em estratégias de marketing para angariar o seu público. Ele é usado pois é uma forma de se gerenciar e atender os desejos e necessidades mais urgentes dessa comunidade.

Para o alcance desse objetivo, no entanto, é necessário que os profissionais responsáveis pelo marketing adotem estratégias, métodos e ferramentas para captar este público em potencial para a IURD, processo este que não acontece no aconselhamento bíblico de Jay Adams, pois o marketing não é ativado para atrair esse público em potencial, apenas valores como a empatia, a gentileza, a compaixão, dentre outros que aparecem, sobretudo, nas conversas cotidianas dos conselheiros para com aqueles que fazem parte do seu dia a dia. Essas ferramentas se amparam por meio do que Moraes, Figueredo e Zanotta (2004) chamam de os quatro PS do marketing: produto, preço, praça (ou ponto de venda) e promoção.

São instrumentos considerados como um composto mercadológico. O marketing aparece dentro das instituições pois ele pode ser aplicado a qualquer

uma dessas, sobretudo quando esta é tratada como uma empresa. Destarte, é correto afirmar que o marketing está associado, diretamente, à motivação pela qual o ser humano realiza e paga por quaisquer bens para o alcance de alguns objetivos, como a satisfação das suas necessidades humanas.

No marketing tradicional, uma empresa costuma oferecer produtos físicos aos quais há a incorporação de “valores intangíveis” que, em sua maioria, são autoimagens prontas ou distintivos sociológicos para se usar. Assim essas empresas acabam dando aos seus produtos certa vantagem competitiva sobre outras que concorrem com ela aqui, no caso, podem ser usadas como exemplo as igrejas que fazem com que o discurso religioso circule, também, no meio mercadológico. É dessa forma que o marketing transforma os produtos físicos em valores, pois embute no preço do produto não apenas o valor da sua fabricação, mas também o valor que esse produto passa a representar para o consumidor. Nessa perspectiva, Morais, Figueredo e Zanotta (2004) entendem que o paradigma proposto pelo marketing de serviços, por exemplo, indica que todos os seres humanos possuem necessidades e aspirações a serem satisfeitas, tanto no âmbito físico quanto no simbólico. Quando não atendidas, impulsiona-se essas pessoas a novas propostas e soluções e o produto físico é substituído por um serviço diferenciado.

Neste tocante em relação à necessidade de se oferecer serviços e/ou produtos diferenciados para atingir uma gama maior de consumidores, uma das estratégias de marketing utilizada, em massa, pelas empresas, inclusive pelas de cunho religioso, como a IURD, é o discurso. Ele é sempre elaborado de modo a ajustar suas mensagens às necessidades dos sujeitos nas mais diversas esferas que regulam a vida em sociedade. Para os líderes religiosos não tradicionalistas, neste contexto conhecido como pós-moderno caracterizado, principalmente, pela competitividade, o emprego do marketing se torna uma estratégia legítima para anunciar a mensagem de Cristo, o que faz com que, também, haja o crescimento da igreja. Este fenômeno não acontece na proposta do aconselhamento bíblico de Jay Adams, pois o intuito não é fazer com que a igreja cresça em termos econômicos, pois o objetivo principal é ajudar a maior quantidade possível de pessoas que não conseguem lidar com os seus problemas diários devido a falta do contato com Cristo.

Segundo Morais, Figueredo e Zanotta (2004) para disputar no concorrido mercado dos bens simbólicos, o movimento neoevangélico investe pesadamente em novos espaços, partindo do pressuposto de que não há territórios cativos ou demarcados. Os autores apontam que essa foi uma grande mudança no panorama das empresas religiosas, pois até meados do século XX havia, apenas, uma pequena possibilidade de se transferir um indivíduo para outro grupo religioso. Contudo, com o advento do processo de aceleração histórica, assim como com o conseqüente desenvolvimento da sociedade do consumo, houve a liberação de todos os elementos considerados estáveis, tais como as normas, crenças, valores e atitudes socialmente aceitáveis. Desse processo denominado de pluralismo cultural, surgiu a opção de se construir uma nova organização religiosa.

É correto afirmar que com o crescimento das novas instituições religiosas, passou-se a explorar, demasiadamente, a ideia de que todo indivíduo está apto a ser convertido/convencido o que abriu portas, dessa forma, para a construção de um nicho específico de mercado. Destarte, a imutável hegemonia católica passou a ser revista e aletrada em decorrência de uma série de fatores oriundos das mais diversas esferas da vida humana, como do setor econômico, psicológico, social e ético. Esse processo de mudança e estremecer da hegemonia católica resultou em novas necessidades relacionadas aos indivíduos na atual sociedade. Eles passaram a ser tratados com o devido cuidado, a partir de técnicas e estratégias que colocaram em xeque essa hegemonia questionada em virtude do tratamento que essa, tradicionalmente, ofereceu às necessidades econômicas, psicológicas, sociais, éticas e fiéis dos sujeitos em outro contexto histórico.

Morais, Figueredo e Zanotta (2004) apontam que, atualmente, diversas religiões estão fazendo uso de técnicas e estratégias de marketing para envolver os seus fiéis que, em muitas das vezes, encontram-se insatisfeitos, querendo abandonar, dessa forma, as igrejas. Destarte, têm-se notado que os movimentos neoevangélico alteraram, profundamente, o conceito tradicional de religiosidade que, no caso deste trabalho em específico, pode ser representado pelo aconselhamento bíblico de Jay Adams. A religiosidade no mundo moderno tem sido representada, sobretudo na IURD, pela mudança de postura dos pastores,

pois as igrejas têm adotado o Marketing de Posicionamento como uma estratégia de comunicação. Os autores apontam que, no caso da Igreja Católica, ela está começando, ainda que timidamente, a usar as mesmas estratégias para tentar reconverter³⁹ seus fiéis que, desde o século XX, tem se afastado do tradicionalismo representado pelo catolicismo, migrando para outras instituições religiosas que atendam às suas necessidades de forma mais direta.

Enquanto instituição religiosa, pesquisadores apontam que a IURD possui uma visão muito clara acerca da ocorrência em que os problemas aparecem e afetam, expressivamente, a vida diária dos seus fiéis, assim o discurso religioso que veicula pauta-se, sempre, em alguns temas recorrentes, como nos problemas familiares, financeiros, de saúde, afetivos, dentre outros. Segundo a própria instituição, esses problemas estão relacionados, em sua maioria, à incorporação pelos adeptos, de que há “demônios” ou “encostos” que trazem à tona esses problemas, sendo possível, apenas pela fé, expulsá-los. Assim, com o seu discurso religioso baseado e amparado pela fé, os pastores se valem de trechos bíblicos para fundamentar os trabalhos de desobsessão e mostrar que é possível fazer com que os demônios saiam do corpo e da vida dos fiéis. Para reforçar a crença, salientam que quem permanece com os ‘encostos’ é porque não acredita e, portanto, o que lhe falta é fé, conforme os estudos feitos por Moraes, Figueredo e Zanotta (2004). Para tanto, os autores apontam que a IURD recorre a uma das correntes religiosas norte-americanas conhecida como a Teologia da Prosperidade que tem como um de seus principais ideais difundir a prosperidade material em conjunto com a espiritual para fazer com que os fiéis consumam, ativamente, o discurso pregado.

Em termos práticos, estudo feitos pelos autores apontaram que no ato do culto a temática do dinheiro é um assunto que ocupa cerca de 60% do tempo de cada reunião, correspondendo a, aproximadamente, 2 horas. Os pesquisadores voltam a reiterar que as pessoas que assistem a este culto, normalmente, estão passando por algum tipo de dificuldade financeira, esta, por sua vez, pode se manifestar de diferentes formas na vida desses fiéis como por meio do desenvolvimento de uma baixa autoestima, assim como, usualmente,

³⁹ Neste sentido é trazer de volta para a igreja = reconciliar

desencadeia no aparecimento de algum tipo de doença. É nesse momento que a IURD age: promove um forte apego, por parte dos fiéis, à entrega de ofertas especiais e de dízimos à igreja. Normalmente, durante o culto, esses momentos são marcados por hinos especiais e apelo emotivo por parte do pastor. São reforçados, ainda, elementos doutrinários acerca das promessas de Deus sobre a vida financeira.

Figueredo e Zanotta (2004) reiteram que, frequentemente, após os apelos dos pastores, segue-se uma série de testemunhos e depoimentos que atestam aos demais fiéis a veracidade do apoio de Deus à solução de questões materiais. Entendem, também, que o uso que a igreja faz das ofertas arrecadadas é pouco ou raramente citado durante esses cultos, o que faz com que não haja uma associação direta entre o dinheiro arrecadado e a manutenção da igreja. Assim, ainda dentro da perspectiva do marketing, outro ponto que irá separar Jay Adams e Macedo, por exemplo, é que, este último, investe em publicidade e propaganda com este dinheiro arrecadado pelos fiéis, assim, já em 1989, o crescimento da IURD foi grandioso, culminando na compra da Rede Record no mesmo ano, além da presença maciça de templos no Brasil, ela também está organizada em quase toda a América do Sul, na Europa, nos EUA e na África.

A quarta diferença que separa as duas correntes é o uso massivo da televisão pela IURD. Torres e Rossetti (2013) apontam que a exemplo do rádio, os moldes do teleevangelismo também se apoiaram, de certa forma, nos moldes norte-americanos, pois muitos pastores, inclusive, foram remanejados do rádio para a televisão para desenvolver o mesmo trabalho “catequético”. O contexto em que esse televangelismo surge revela um contexto de produção marcado pela presença de uma população decrescente, fragilizada e desnorteada com o turbulento século XIX, pois ele estava marcado, majoritariamente, pela contestação das instituições já cristalizadas bem como pela repugnância a certos conservadorismos. Nietzsche havia anunciado em seus estudos que morte de Deus era certa, visto que enfatizava a ideia de que o saber científico deveria ser o guia fundamental para o homem. É neste contexto que cabia, agora, à religião, contornar a sua vulnerabilidade e reacender a crença do homem no poder divino.

A televisão atuou como uma ferramenta expressiva para se espalhar os ideais do reavivamento para o maior número de pessoas possível. Torres e Rossetti (2013) reiteram que, a princípio, os programas produzidos nos EUA eram transmitidos pela televisão brasileira. Com o passar do tempo e com o advento da necessidade de adaptação local, os pregadores nacionais entram em cena construindo uma cultura peculiar e específica para o país. Sem abandonar o rádio, era a vez da televisão se tornar seu principal suporte de pregação. No caso especial de Edir Macedo, o processo teve ênfase com a aquisição de uma rede de televisão aberta. Os autores elucidam, ainda, que antes da denominada Guerra Santa, esse embate fez surgir um embate muito expressivo entre o meio midiático com o mercantil. Os oponentes desejavam, principalmente, firmam um contrato assim como um vínculo sólido com o público receptor. Entretanto, a compra da TV Record não fez com que a emissora passasse a oferecer 24 horas de programação religiosa, pois a sua grade seguiu a um padrão clássico que contemplava programas dos diferentes gêneros, tais como talk-show, noticiários, novelas, programas de auditório e reality-shows.

Em seu início de circulação na TV Record, a parcela de tempo que tratava da vertente religiosa de forma mais “explícita” acabou, de certa forma, restringindo-se às madrugadas. Torres e Rossetti (2013) apontam que se pensarmos em termos de proporção, poderia-se concluir que a grade emissora desse discurso religioso de forma mais massiva, é muito mais profana (por estar associada ao mundo real das sensações) do que sagrada ou cristã, já que nos horário de pico de audiência nenhuma mensagem “diretamente” e “claramente” proselitista surge para caracterizar a natureza de tal emissora. Nove anos mais tarde, os autores reiteram que o latifúndio midiático de Macedo foi redimensionado a partir da compra da denominada UHF TV Mulher, batizada, posteriormente, como TV Família. Esse redimensionamento fez com que o bispo passasse a ocupar um espaço paralelo ao da TV aberta. A relevância dessa compra, no âmbito mercadológico, está associada a chegada do sinal via satélite, pois este passou a ter um alcance nacional, algo que não acontecia com a antiga cobertura, conhecida como VHF8.

Assim, Torres e Rossetti (2013) ilustram que além de ter uma emissora arquirrival (a Rede Globo) a guerra do UHF da Universal é travada com outras

duas frentes: uma delas contra a Rede Vida, da Igreja Católica, e a outra, a Rede Gospel, da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Os pesquisadores frisam que a estratégia mercadológica de Macedo se pautou, significativamente, nas táticas realizadas pela Rede Globo. Destarte, é possível observar que as organizações da Globo, aproximadamente, há três décadas, acomodaram-se nos mais diversos suportes midiáticos, tais com a produção, programação e distribuição na TV, na internet, no jornal impresso popular e, ainda, nas revistas segmentadas. Observando essa ascensão, a IURD seguiu o mesmo caminho.

Em 2004, de acordo com Torres e Rossetti (2013), depois de conceber um portal (Arca) na internet, foi inaugurada a TV Arca, uma espécie de emissora online com transmissões 24 horas por dia e com programação on demand (disponível para que o internauta baixe o conteúdo). Atualmente, embora a programação da Rede Record se pautar em um modelo clássico que atua no mercado midiático a partir de anúncios publicitários, dessa forma, é correto afirmar que a emissora, em muitas das vezes, funciona como uma assessora, tratando direta ou indiretamente dos assuntos relacionados à igreja de Edir Macedo, pois são inúmeras as reportagens que envolvem a figura do bispo nos horários de pico, o que promove, automaticamente, a instituição sobre a qual se fala nas mídias, o que não acontece na vertente defendida e indicada por Jay Adams. Torres e Rossetti (2013) concluem que embora a grade da Rede Record não utilize a sua força, o tempo todo, enquanto mídia, para promover a figura do Bispo e da Igreja, o faz quando os transforma em notícias veiculáveis. É possível visualizar que essa emissora mistura, sempre, o entretenimento com a informação e divulga, em diversos momentos, a marca religiosa entre as brechas da programação. Isso aparece porque embora se trata de uma rede, majoritariamente, evangélica, seus representantes estão voltados, também, para os interesses empresariais e concorrenciais.

A última diferença entre as duas correntes diz respeito à configuração e às peculiaridades da IURD. Mafra, Swatowski e Sampaio (2012) frisa que uma delas está relacionada ao universo pentecostal e carismático onde atua, assim, afirma-se que a igreja não pode recusar nenhuma “membrosia flutuante”. Reiteram isto porque ao contrário do modelo congregacional cristão clássico que leva em conta e considera o princípio da conversão, o abandono dos referentes

de sociabilidade anteriores e a reconstrução dos laços de pertencimento a partir de um novo universo valorativo e simbólico, a IURD parece não apenas conviver, mas usufruir de uma adesão comunitária mais “frouxa”, ou seja, flexível. Por conta deste fenômeno, os autores apontam que essa igreja, em muitas das vezes, é classificada como a “igreja do serviço”, pois postula-se que essa instituição não se preocupa em operar a “reforma” subjetiva dos seus membros em função de uma agência hipertrofiada da instituição como coletivo em um “mercado religioso” plural.

Entretanto, Mafra, Swatowski e Sampaio (2012) reiteram que uma comunidade formada apenas por frequentadores que buscam esse “serviço religioso” se configura de forma bem diferente da estrutura conhecida como *eklesia* estratificada que convive, pacificamente, pacificamente tanto com frequentadores esporádicos como com membros assíduos. Trata-se de uma estruturação congregacional que gera tensões e dificuldades, e isto tem relação com a constituição de um “poder tutelar”. Para concluir este tópico acerca dos pontos que distanciam o aconselhamento bíblico de Jay Adams da autoajuda de Edir Macedo, então é correto afirmar que a estratificação congregacional da IURD levou os autores a classificar os seus frequentadores a partir de uma ordenação hierárquica. Em primeiro lugar, existem os membros convertidos, os obreiros, os pastores e os bispos. Todas as entidades citadas são denominadas como “servos de Deus”, formando, assim, o “clero” da igreja, visto que são pessoas que passaram pelo “batismo das águas”, assumindo, dessa forma, a identidade iurdiana.

O segundo tipo de público frequentador costuma ser classificado, usualmente, como aquele cujo os membros ainda estão passando por um processo de conversão, pois são sujeitos que ainda não foram batizados pelo Espírito Santo, porém frequentam a IURD com bastante assiduidade, apenas lhe falta o ato do batismo para ser considerado como um membro efetivo desta instituição. Em terceiro lugar há aqueles membros considerados como esporádicos. Foi esse público, conhecido como esporádicos, que trouxeram a para a teologia da IURD uma linguagem mais “pop” do mundo evangélico advindas das mais diversas nações. Destarte, jargões, temas motes que aparecem nos sermões e campanhas da igreja são transferidos para a

linguagem das ruas, sem o compromisso da coerência e da rádio especificamente cristã (MAFRA, SWATOWISKI e SAMPAIO, 2012). Assim, quanto mais o membro se engaja na vida institucional mais sua vida privada se parece com a de outros pentecostais clássicos e, como eles, é capaz de expressar retoricamente os motivos de sua adesão religiosa. Contudo, diferentemente de outras igrejas que se afirmam como pentecostais, sobretudo as clássicas, esses membros podem ser ou não praticantes.

Pode-se concluir esta reflexão afirmando que o Aconselhamento Bíblico de Jay Adams se difere quase que por completo do movimento de auto ajuda proposto por Edir Macedo, ao compararmos os dois movimentos foi possível identificar que existem elementos que constituem o discurso da IURD que a fazem se aproximar do ideário do mercado e da ética que estimulam o consumo na sociedade capitalista contemporânea. Tais elementos não foram identificados no aconselhamento, mas é certo que existe um mercado de venda de livros, mas não um mercado de atendimento ao público ou uma exploração de mídias.

No movimento de auto ajuda de Edir Macedo os fiéis são induzidos a participar, ativamente, nessa sociedade do consumo para estarem, de certa forma, mais próximos dos ideais das Escrituras Sagradas, para tanto, a IURD estimula os seus adeptos por meio da divulgação massiva do discurso religioso a adquirirem os seus produtos. Já no aconselhamento Bíblico de Jay Adams o consumo não é algo importante, mas sim a instrução que irá moldar e fortalecer o aconselhado a vencer as lutas internas e eternas.

No movimento de auto ajuda de Edir Macedo, foca-se na ideia de que é preciso fidelizar os fiéis, criando, então, uma relação de consumo a partir dos laços que são construídos, continuamente, na IURD, pois Rodrigues (2002) entende que em outro espaço que não religioso, a dialogicidade entre a TP, o sagrado e o mercado por meio do discurso, embora possível, não teria a mesma aceitação, reprodução, legitimação e possibilidades concretas de manter substancial longevidade. Já no aconselhamento Bíblico de Jay Adams tal relação não se fundamenta, pois o mesmo não tem um movimento para fidelizar os aconselhados, uma igreja que o mesmo assina e fidelize aqueles que são atendidos no Aconselhamento Bíblico, é certo também afirmar que cada pastor que pratica o Aconselhamento Bíblico criará um vínculo com o aconselhado que

poderá resultar em uma fidelização do mesmo nesta instituição, mas também a certo afirmar que não existe uma denominação que assume a autoridade do Aconselhamento Bíblico.

Esse fenômeno ocorre porque o espaço religioso, de forma geral, compreende parte do sistema moral e cultural em que as Escrituras que possuem o poder universal fazem parte. Essas palavras se universalizam de maneira individual e, por conta do poder que possui por meio da ação discursiva do profeta que faz o discurso religioso circular, adaptando-se e readaptando-se, continuamente, às diferentes demandas individuais ou coletivas, em diversos contextos sócio históricos, isso possibilita, sob o signo do Sagrado, o engendramento do elo que liga a teologia, o mercado, o consumo, o social e o político, algo que não aparece no aconselhamento bíblico de Jay Adams. Sendo necessário, refletir sobre os pontos de tensão que envolvem as duas correntes.

CONSIDERAÇÕES

Com esta pesquisa pretendeu-se, principalmente, evidenciar as principais diferenças entre o aconselhamento bíblico de Jay Adams e auto ajuda de Edir Macedo. Conforme apontado pela reflexão, adeptos ao aconselhamento bíblico de Adams aparecem em menor número sobretudo porque a auto ajuda proposta por Macedo acabou se tornando um grande empreendimento que, para se sustentar, faz uso de algumas estratégias para a captação dos seus fiéis (CAMPOS, 1999). Dessa forma, o principal intuito é obter lucro por meio da oferta de ajuda religiosa para a sanção dos problemas pessoais e profissionais dos fiéis na perspectiva de Macedo, ocorrendo, assim, de forma segregada e limitada, pois o sujeito apenas obtém a ajuda a partir do momento que consome, ativamente, este discurso por meio da aquisição de produtos religiosos. Assim, na sociedade moderna, esta tendência atingiu grandes proporções sobretudo porque se amparou na grande mídia para a conquista desses devotos, por meio do rádio, da televisão, dos jornais da revista, e, em um contexto contemporâneo, da internet.

Conforme o evidenciado pela pesquisa, essa rápida expansão (CAMPOS, 1999; MENESES, 2017) procurou ganhar mais espaço dentro do contexto religioso a partir do oferecimento de ideais e valores cristãos a partir de uma perspectiva, essencialmente, capitalista, logo limitada e destinada apenas àqueles que pagam. A pesquisa revelou que o grande motivo para que a IURD, principal representante da auto ajuda de Macedo, tornasse uma igreja influente e expressiva em um contexto nacional e internacional, está relacionado com a visibilidade desta dentro da mídia televisiva, fenômeno este que não aconteceu com o aconselhamento bíblico, visto que a sua atuação sempre teve como intuito converter as almas para as igrejas a partir das conversas cotidianas com as pessoas que faziam parte do seu meio, sem recorrer, para tanto, à mídia, seja ela impressa, televisiva ou digital. Nesse contexto, a IURD, a cada dia, tem monopolizado, expressivamente, o campo cultural, religioso e simbólico do país, visto que a sua reputação tem aumentado com o auxílio das plataformas midiáticas.

Dessa forma, com o controle e a posse dos meios de comunicação em suas diversas modalidades, a IURD conseguiu potencializar o discurso religioso, e, assim, conquistar mais fiéis. Tal controle garantiu que as instituições religiosas conseguissem se afirmar dentro do contexto da massa midiática (RAMOS, 2008; MENESES, 2017; CAMPOS, 1999). Nesse sentido, o discurso religioso tem conseguido, cada vez mais, tornar-se atrativo para se produzido e circulado pelo mercado, que, por sua vez, é, essencialmente, capitalista. A reflexão proposta, a partir do seu marco teórico, evidenciou que este exercício se trata de um processo muito comum de todos aqueles que buscam por poder e expressividade, assim, objetiva-se, sempre, persuadir, convencer, formar opiniões e pontos de vista a partir da lógica daquele que detém o poder, aqui, no caso, a IURD. Foi por este motivo que a pesquisa tomou forma, para analisar a partir de qual momento os fiéis da igreja acabam por se tornar clientes e não mais apenas fiéis que buscam por ajuda espiritual.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. E. **Conselheiro Capaz**. 10. ed. São José dos Campos: Fiel, 1977. 272 p.
- ADAMS, J. E. **Manual do Conselheiro Cristão**. 7. ed. São José dos Campos: Fiel, 2015. 431 p.
- ADAMS, J. E. **Teologia do Aconselhamento Cristão: Mais que Redenção**. 7. ed. Eusébio: Peregrino, 2016. 453 p.
- BLEDSOE, D. A. **Movimento Neopentecostal Brasileiro: Um estudo de caso**. São Paulo: Hagnos, p. 198, 2012.
- BÜRKI, H. **Comentário Esperança, Primeira Carta a Timóteo** (p. 149). Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.
- CAMPOS, L. S. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). **Lustophie**, p. 355-367, 199.
- CAMPOS, L. S. **Teatro, Templo e Mercado**. São Paulo: Editora Vozes, p. 502, 1997.
- DIAS, Z. M; RODRIGUES, E; PORTELLA, R (Org.). **Protestantismo, Evangélicos e (neo) Pentecostais: História, Teologia, Igrejas e Perspectivas**. São Paulo: UniPro Editora, p. 236, 2013.
- GANZ, R. Nouthetic Counseling Defended. **Journal of Psychology and Theology**. v. 4, n. 3, p. 193-205, 1976.
- GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia** (1ª edição, p. 307–308). São Paulo: Hagnos, 2009.
- HODGE, C. **Teologia Sistemática**. (V. Martins, Trad.) (1ª edição, p. 136). São Paulo: Hagnos, 2001.
- JONES, R. D. Biblical Counseling: An Opportunity for Problem-Based Evangelism. **JBC**. vol. 31:1, p. 75-92, 2017.
- KASCHEL, W., ZIMMER, R. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. 2ª ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- KISTEMAKER, S. **Atos**. 2ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016.
- LOPES, E (Org.). **Protestantismo e Religiosidade Brasileira**. São Paulo: Editora Reflexão, p. 261, 2011.

MACEDO, E. **A Libertação da Teologia**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, p.164, [19--?].

MACEDO, E. **O Perfeito Sacrifício**. São Paulo: Universal Produções, p. 69, 2004.

MACEDO, E. **O Poder Sobrenatural da Fé**. São Paulo: UniPro Editora, p. 166, 2007.

MAFRA, C; SWATOWISKI, C; SAMPAIO, C. O projeto pastoral de Edir Macedo: Uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? **RBCS**, v. 27, n. 78, p. 81-96, 2012.

MANSER, M. H. **Guia Cristão de Leitura da Bíblia**. (D. Pereira, V. Araujo, F. Machado, & A. Soares, Orgs., L. Aranha, Trad.) (1ª edição, p. 309). Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2013.

MENESES, J. S. Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): institucionalização e mudanças de paradigmas. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, n. 20, p. 423-436, 2017.

MORAIS, U. I. B. M; FIGUEREDO, L. Z. P; ZANOTTA, E. B. Igreja Universal do Reino de Deus e marketing religioso. **Revista Gerenciais**. São Paulo, v. 3, p. 53-62, 2004.

MYATT, A. **Teologia Sistemática** (p 213). Rio de Janeiro: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2002.

ORO, A. P; CORTEN, A; DOZON, J. P (Org.). **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, p. 379, 2003.

POWLISON, D. A Coalescing of Various Biblical Counseling Ministries. **JBC**. v. 32:1, p. 89-99, 2018.

RAMOS, E. V. P. **Uma análise teológica e psicológica do aconselhamento bíblico de Jay Edward Adams e Seguidores**. Dissertação de Mestrado - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

REZENDE, E. **Promoção do Reino de Deus: Marketing religioso no contexto da igreja brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Reflexão, p.125, 2009.

RODRIGUES, J. G. Política, carisma, poder e mídia: lógicas interpretativas da Igreja Universal do Reino de Deus. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 39-68, dez. 2008.

RODRIGUES, K. F. **“VIDA E VIDA COM ABUNDÂNCIA” - TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, SAGRADO E MERCADO: Um estudo de afinidade eletiva entre a TP, o Mercado e a Ética de Consumo na Igreja Universal do Reino de Deus**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SPROUL, R. C. **Posso Crer na Bíblia?**. (T. J. Santos Filho, Org., F. Wellington Ferreira, Trad.) (1ª Edição, Vol. 2, p. 24). São José dos Campos: Editora FIEL, 2013.

SPROUL, R. C. **O Que é a Trindade?**. (T. J. Santos Filho, Org., F. Wellington Ferreira, Trad.) (1ª Edição, Vol. 10, p. 29–30). São José dos Campos: Editora FIEL, 2013.

STRONG, A. H. **Teologia Sistemática**. (J. C. Martinez, Org., A. Victorino, Trad.) (Edição Revisada e Ampliada, Vol. 1 & 2, p. 29). São Paulo: Hagnos, 2008.

VOGT, P. **Interpretação do Pentateuco: Um Prático e Indispensável Manual de Exegese**. (D. M. Howard Jr., Org., M. P. Santos, Trad.) (1ª edição, p. 69). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.

TORRES, J. V; ROSSETTI, E. A. O Reino Simbólico de Edir Macedo. In: **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mossoró**, 2013.